

*Unidade Especial
De
Investigação Angolana*

O Retorno

Kudi



Unidade Especial
de
Investigação Angolana

O Retorno

Kudi



Copyright © 2022 by Fada Editora

Todos os direitos reservados.

Edição: Osito

Revisão: Ataíde

Projeto Gráfico e Diagramação: Osito

Capa: Osito

Título:

Unidade Especial de Investigação Angolana: - O Retorno

Gênero: Narrativo | Drama

Coleção:

Unidade Especial de Investigação Angolana (U.E.I.A)

Autor: Kudi

1ª edição

ISBN: 978-989-53670-0-9

Cacuaco – Luanda, Angola

FADA EDITORA

Agradeço a Deus pela força e criatividade;

Mesmo sendo criativo precisei de muita ajuda, pesquisas, consultas e análises [incluindo um agente da Polícia]. Por isso, masturbo a minha mente para agradecer a todos que ajudaram-me. Entre eles, no topo da lista, Cristo Cristóvão Cândido, agradeço-lhe pela atenção e consultoria;

A Edna Jandira Felgueiras, por ser um incentivo e provedora dalguns capítulos;

A minha querida prima, Maria Melícia Chissengue, por atçar e ouvir os meus planos de crimes;

Aos meus amigos, Charles Russel Paulo Queta (o Bobó), Sílvio (Eury) e Berta Famoso de Sousa;

A Luquênia Gomes, Paulino Hoque, pois foram de grande ajuda para o entendimento da anatomia humana, influenciando a eficácia da autópsia;

Sem esquecer de Osito, pela força;

Comunidade GELELA, especialmente a Reinira28 e Clélia, pela influência e carinho;

Agradeço a todos que de alguma forma me serviram de ajuda.

Dedico a presente obra especialmente ao sistema de investigação criminal angolano. Expresso o meu respeito e admiração por vós.

Sumário

Prefácio.....	8
Capítulo I.....	8
A Chamada	9
Capítulo II.....	13
Para Quem Trabalham?.....	13
Capítulo III.....	18
A Má Notícia	18
Capítulo IV	23
A Pista da Boutique	23
Capítulo V	29
Autópsia.....	29
Capítulo VI	36
Qual é o próximo passo?	36
Capítulo VII	41
P'ra casa da vítima!	41
Capítulo VIII	49
Parece que foi assassinada!	49
Capítulo IX	52
É um assassino em série.....	52
Capítulo X	59
O interrogatório	59

Capítulo XI	68
Um erro!	68
Capítulo XII	70
De volta à cena do crime	70
Capítulo XIII	75
Será um discípulo?	75
Capítulo XIV	79
Não foi aqui!	79
Capítulo XV	86
A missão... ..	86
Capítulo XVI	91
Afinal é aqui!	91
Capítulo XVII	94
São muitos nomes	94
Capítulo XVIII	101
Operação conjunta	101
Capítulo XIX	105
Infelizmente... O quê?	105
Capítulo XX	107
Achamos eles!	107
Capítulo XXI	112
A reunião urgente!	112
Sobre o autor:.....	122
Contactos da editora:	124

Prefácio

Um crime mais que perfeito chamou a atenção dos agentes da U.E.I.A, investigações e mais investigações, voltando sempre à cena do crime e analisando cada pista encontrada, mas o mistério se envolve em tudo. Um crime sem solução, um crime bem trabalhado e para acharem o assassino terão que passar por vários processos, dramas, mistérios e reviravoltas – um mundo onde a verdade não se quer revelar.

A luta para acharem a solução do crime está em causa, um criminoso bem inteligente e capaz de limpar a cena do crime de uma forma que os agentes da U.E.I.A ficam com dificuldades para solucionar as coisas. Será que os nossos agentes irão resolver o caso, ou o mistério vai continuar?

Ataide

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

Capítulo I

A Chamada

Logo pela manhã, após se levantar começou a caminhar com pressa e medo de ser parado por delinquentes. Enquanto andava, pensava no fato de ter saído sem banhar e sem lavar os dentes. Levantou o braço e cheirou as axilas. Depois cobriu a boca e o nariz com as mãos para expirar com a boca e inspirar pelo nariz para sentir se dava para notar o mau cheiro.

Em alguns instantes já estava na famosa cantina do Quibrilha, olhando para a rolete verde, onde vendem whisky do barato; ao lado viu o contentor azul, onde vendem cimento, junto da pequena loja de bijuterias e da barbearia. Olhando para o outro lado da estrada asfaltada, viu a barbearia azul; a cantina disfuncional onde estavam aproximadamente umas três pessoas esperando o táxi – um homem e duas mulheres, uma das quais, embora a fraca iluminação noturna, percebe-se que é gorda, com um pano cheio de desenhos amarrados nos quadris.

Enquanto andava, viu uma mulher que parecia sentada, com sono da bebedeira. Ela estava de frente com a Farmácia do Complexo Escolar Nginga.

Kudi

“Só pode ser bebedeira... Que pena! ” — Pensou olhando fugazmente para ela. Apesar disso, ele continuou a andar, pois não quis se atrasar ao trabalhado por causa de uma bêbada.

Minutos depois, vê alguns jovens à distância. A sua forma de andar os denunciava como ladrões. O homem ficou preocupado, por isso, deu meia volta e foi na direção oposta, olhando para trás, via os jovens vindo em sua direção com os passos mais largos, vez após vez. Ele já estava na cantina amarela, perto do Complexo Escolar Ezequiel Antônio Pedro, estava de regresso à Farmácia do Complexo Escolar Nginga. Ele entra pela rua e encosta na mulher que vira e presumiu estar com sono da bebida. A toca e sente a frieza do seu corpo. O clima estava frio, por isso presumiu que fosse por ela ter passado a noite ao ar livre. Ao ver ela de novo, assusta-se e grita. Os jovens que o seguiam correram até perto dele, eles também ficaram chocados ao verem sangue entre um longo corte no pescoço daquela mulher. Ao empurrar a mulher, a cabeça foi por trás e o corte se abriu, mostrando o interior da garganta, que botou um cheiro horrível. Diante disso, eles ficaram pasmados e enojados.

“Porra! Quem fez essa merda!? Carambas! ” — Pensavam olhando um para o outro. Retirando a face do cadáver, um dentre eles até mesmo vomitou, chorando de pavor.

Todos começaram a gritar, chamando pelas pessoas, porém, alguns já estavam de saída, por isso saíam e se aproximavam com cuidado e em grupo, pois, os bandidos poderiam ter criado uma trama.

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

Do outro lado da estrada, veio um homem de meia idade, baixo e com cor acastanhada. Ele usava óculos formal, vestia uma calça social preta, camisa azul e sapato preto. Enquanto se aproximava do outro lado da estrada, ouviu murmúrios. Alguns atrapalhados ligavam para a polícia.

“Tem uma mulher morta aqui! Vêm aqui, rápido!” — Diziam eles, cada um telefonando para a Polícia ao mesmo tempo.

“Onde estão? Onde está o corpo?” — Perguntava a Polícia.

O Senhor que achou o corpo, deu a direção fazendo gestos.

— Sim, sim! É a Polícia mesmo, né? — Questionou olhando para o número marcado. — Rhé, ainda bem! Aqui então morreu uma moça. Ela tipo já está podre! — Disse, lamentando. Para chegarem até aqui, vêm até a rua Brasileira depois continuem descendo pela estrada até aqui, no Colégio Nginga... Sim, na Farmácia depois do Embondeiro da Boa Fé... Sim, é mesmo aqui... Não demoram então! — Dizia o homem.

Após a chamada, alguns foram-se embora, mas vinham pessoas correndo para ver o cadáver. Todos estavam interessados em saber se conheciam aquela mulher. As pessoas chegavam e olhavam: umas vomitavam; outras desmaiavam e as ligações à polícia não paravam. Todos reportavam o mesmo caso, no mesmo local. Por causa disso, o Centro de

Kudi

Comunicação da Polícia Nacional notificou o caso no Comandante Geral. Os policiais da Boa Fé chegaram ao local, mas alguns deles não conseguiam ver o cadáver, pois vomitavam. Ficaram apenas de guarda, tirando depoimento dos que lá estavam. Não mexeram no cadáver e tiveram o cuidado de não alterar nem tocar em nada. De guarda, esperavam a perícia e os responsáveis pela investigação.

Perto das 8 horas, um carro preto com vidros fumados chegou ao local, tendo luzes azul e vermelho das sirenes. Do carro, saíram quatro pessoas sem colete, só usavam as suas roupas normais, armas no lado direito da cintura, algemas no lado esquerdo e usavam óculos escuros. As mulheres estavam com o cabelo prendido, bem preparadas. Os policiais no local sabiam que não era uma equipe que eles conheciam.

“Quem são esses? Nem sequer têm colete para lhes identificar!” — Diziam entre si.

O responsável do local do crime ficou surpreso ao vê-los, foi ao seu encontro e cumprimentou-os.

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

Capítulo II

Para Quem Trabalham?

O responsável do local foi até ao grupo que descia do carro preto.

— Bom dia. São do SIC, não é? — Perguntou, fazendo gestos e apontando para eles.

— Não, não — Respondeu uma mulher, com uma expressão firme.

— Somos da U.E.I.A, meu nome é Afonso Tito. E esses são os meus colegas: Jorge Moura, Germana Pedro, Maria Melícia, Rosita Sonibuna e Marta. Marta está a nos acompanhando desde o escritório — Disse Tito, o responsável da equipe.

— U.E.I.A? O que é isso? Trabalham para quais ministérios? — Questionou. — A propósito, meu nome é João Filipe, sou oficial da esquadra da Boa Fé.

Tito dirigiu os seus agentes para verificarem o local do crime enquanto falava com João Filipe.

— U.E.I.A. Significa “Unidade Especial de Investigação Angolana”. Não pertencemos a nenhum ministério. Somos autónomos — Explicou Tito.

Kudi

— E esse carro não é da SIC? — Questiona retoricamente, andando junto com Tito, se dirigindo para o cadáver.

Tito abana a cabeça, assentido.

— Quem achou o corpo? — Questiona, olhando para a multidão que os cercava. Antes de João Filipe responder, um homem se aproximou deles.

— Fui eu! Eu vinha de casa, pois hoje não há táxi. Então, vi essa mulher, tentei acordar ela e aconteceu isso. — Disse olhando para a garganta da jovem com receio de terminar.

— Viste algo estranho? — Questionou Tito junto com o João Filipe.

— Bem, estranho? Não, não. Só que antes de eu acordar ela, vi uns rapazes de mau aspecto aí perto da escola Ezequiel. Eles me seguiram, por isso, eu vim até essa a mulher para alertá-la que precisava fugir, se calhar fariam mal a ela. — Disse o homem.

— E onde estão esses rapazes? — Questionou Tito.

— São aqueles! Os burros até vomitaram! — Caçou deles, rindo.

— Viste algum carro ou mota a sair dessa rua? — Apontando para a rua, podendo ao longe se ver a padaria de cor laranja.

— Bem, não vi! — Respondeu.

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

— Tens a certeza?

O garantiu que tinha a certeza. Explicou que só estava preocupado em fugir daqueles rapazes, não se lembrava de ter visto um carro ou mota.

— Que horas você achou o corpo? — Questionou João Filipe, olhando para Tito, não querendo ser um inconveniente. Tito assentiu, agradecendo com um leve gesto com a cabeça.

— Eu olhei ao relógio para verificar o que uma mulher fazia fora de casa. Eram 5h:46 minutos. Eu lembro muito bem! — Disse, abanando a cabeça enquanto respondia.

Nisso, Tito pôs a mão direita no bolso direito e tirou uma pequena agenda preta, tirou uma esferográfica no bolso da sua camisa branca e anotou. Pediu o contacto do homem para o caso de precisarem dele de novo.

— Como te chamas mesmo? — Acrescentou Tito, olhando para a agenda. Esperava a resposta para anotar na agenda.

— Meu nome é Domingos Rogério. Vivo lá no fundo, ao lado da padaria. Sou conhecido como tio Rogé... — Disse, apontando com a mão direita.

— Obrigado, entraremos em contacto! — Disse Tito, agradecendo.

Após isso, ele foi até onde estava o cadáver. A sua equipe estava a analisar e ver provas. Nesse mesmo instante, a

Kudi

perícia fotografava o local do crime. João Felipe olhou para o rosto de Tito para ver se haveria alguma mudança na sua expressão facial “do tipo nojo, repulsa ou choque”, porém, nada disso aconteceu. Ele viu Tito se agachar e olhar de perto: o corpo estava à frente da Farmácia, junto ao local onde fica uma Recauchutagem. A mulher estava como que sentada, apoiada na parede perto das grades da porta. No lado direito a uns quatro metros, há um armazém que foi transformado em estacionamento. No lado esquerdo há a estrada, sem movimentação de carro ou motos. Após olhar ao redor, Tito olha para o chão, no meio das pernas dela vê uma marca de sapato. A garganta dela foi cortada, o corte foi tão fundo que até dava para se ver um bocadinho do interior da garganta. Ele lembrou que o homem que achou o corpo disse que quando a empurrou saíram-lhe moscas do interior da garganta. Então ele colocou luvas, enfiou o dedo na garganta e viu moscas a saírem, viu também a garganta a se mover.

— Agente Tito, um dos que achou o corpo disse que viu um carro sair por essa rua antes do Sr. Rogério entrar por aqui. “O tio Rogério estava com medo de nós e corria. Ele deixou a pasta cair e quando voltou para apanhar a pasta, um carro saiu dessa rua” essas são as palavras daqueles homens.

— Como era o carro? — Questionou Tito, olhando para ele.

— Disse que é um carro preto, de luzes brancas e com grande foco — Respondeu o agente. Acrescentou também que:

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

— ele não viu a marca, mas lembra que os vidros eram pretos e que o carro andava sem pressas.

— Obrigado. Fale com o agente Jorge, pois vamos precisar que envie essas informações à nossa analista forense.

— Está bem! — Disse o agente, dando as costas e indo até Jorge.

Tito olhou de perto para os cortes na garganta, nos punhos e ao olhar na blusa, percebe que há um rasco no estômago. Parecia que foi o rasco feito por uma faca, um esfaqueamento. Ele vai no lado de trás e vê uma marca de calçados iguais a da primeira. Ela também estava sem um dos brinco, a roupa dela estava sem sangue. Após isso, Tito chamou o oficial João Filipe, deu-lhe uma notícia triste. Nesse instante, uma mulher chega aos gritos, alegando que poderia ser a sua sobrinha. A polícia impedia ela de passar, mas ela os empurrava.

— Quero ver ela! Me deixem! Não me toquem! — Gritava. — Ela é a minha sobrinha! — Acrescentou.

Kudi

Capítulo III

A Má Notícia

Jorge foi falar com um dos agentes, passando informações a Marta pelo telefone. O policial explica que frequentava a zona com frequência, pois a sua tia vive aí perto. Também diz que nesses lados o número de bandidos baixou drasticamente.

— Antes havia muitos grupos por aqui, tinha os REBENTA e outros grupos que dominavam as ruas daqui — Dizia, olhando para as pessoas ao redor.

— E agora? — Pergunta Jorge, atento ao que lhe diziam.

Jorge tinha por hábito avaliar a fiabilidade das palavras por prestar atenção as expressões faciais e corporais. Podia até mesmo saber quando alguém mentia ou escondia algo.

— Agora? — Disse o agente retoricamente. — O bairro está calmo, muito calmo. — Sorriu. Enfatizou também que por causa disso as rondas por essas zonas têm sido menores, pois até mesmo as pessoas dessa zona criam laços para capturar ladrões que tentem roubar a casa de algum morador.

Depois, apontou para um dos homens na multidão e disse que era um bombeiro. Os bombeiros usam armas, por isso, tanto esse senhor como o outro que também foi indicado, que era polícia, tomavam a dianteira.

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

— Esses dois homens praticamente não dormem! —
Concluiu.

Nesse mesmo instante, eles viram uma mulher chegar aos gritos. Alguns agentes a seguram, mas não conseguiam, a mulher era grande, por isso conseguia empurrar os agentes policiais que eram magros.

Jorge olha para Tito e é lhes dado um sinal, que perceberam que deviam tentar acalmar a mulher e saber o que se passava. Maria Melícia se aproximou primeiro, pedindo aos agentes que a largassem. Foi preciso uns seis agentes para a impedirem.

— Senhora, por favor, se acalme! — Grita Maria Melícia.

— Porra, eu quero ver! Deve ser a minha sobrinha! —
Dizia a mulher.

— Senhora, se acalme. Como te chamas? — Disse Jorge, se aproximando dela.

A mulher explica a sua situação.

— Minha sobrinha sumiu antes de ontem. Já fui à polícia, mas nada foi feito.

— Ela não deve estar em algum sítio por aí? —
Observou Jorge, vendo ela se sentando no chão, batendo a mão direita na cabeça. Ela não responde, só olha para o cadáver, chorando.

Kudi

Tito se aproxima dela.

— Como a senhora mesmo se chama? — Perguntou Tito, se agachando ao lado dela. Depois a segurou pela mão e repetiu a pergunta.

— Mamy. Meu nome é Manuela Nzanje. — Respondeu, com um tom doloroso e ansioso. Ela achava que dizer o seu nome era insignificante, pois, ela só queria ver se aquela era a sua sobrinha.

— Por favor, senhora Manuela, diga como é a sua sobrinha! A sua estrutura física. — Disse Tito.

Naquele instante, Jorge recebeu uma chamada. Tito estava junto a Maria Melícia, Melícia olhava sem dizer nada, percebendo que as pessoas ao redor estavam olhando. Qualquer erro significa erro em tudo. Ela tinha medo da mídia chegar aí antes deles recolherem o cadáver. Por isso, ela olha para Germana e Rosa que estavam fotografando o cadáver. Melícia assobia para elas e faz um sinal no relógio, indicando que já estava na hora. Elas perceberam e sinalizaram que estavam acabando.

Rosa chamou Jorge para ajudar a recolher o cadáver. Voltando a atenção para o que a mulher dizia, ela só ouviu Tito a garantir a ela que essa não era a sua sobrinha, mas a mulher não acreditou e quis ver de perto.

— Senhora Manuela, essa mulher que está aí, não é escura como a tua sobrinha, não é cabeluda, essa usa brinco e

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

tem uma tatuagem nas costas. A tua sobrinha é assim? Não disseste que ela é adventista? — Sorriu Tito, Mesmo em uma situação daquela.

Senhora Manuela se levantou e se foi embora sem dizer nada. Tito olha para a direção da padaria, no lado direito. Depois olha para o lado direito do asfalto, e percebe que a estrada estava pouco movimentada.

— Há algo estranho, não é? — Olhou para a Melícia, apontando para a estrada. — Hoje é Segunda-feira e nem sequer passam tantos carros na estrada! — Acrescentou.

Melícia sorriu.

— Não vêes Jornal, pois não? — Questionou-o, sorrindo. Ela começou a andar com ele sem dizer nada.

— Hoje há manifestação dos taxistas! — Disse, ficando de frente com ele.

Tito se lembrou que o agente disse sobre o carro branco. Em seguida caminhou até à frente, no lado direito. Ficou no meio da rua, entre a entrada do armazém que agora é estacionamento e a entrada do Complexo Escolar Nginga. Ele vê marcas de carro. Chamou Rosa e pediu que ela fotografasse as marcas das rodas e dos sapatos.

Quando já eram 9 horas, uma viatura de Ambulância dos Serviços de Proteção Civil e Bombeiros (SPCB) veio até ao

Kudi

local para fazer a recolha. O corpo foi levado até ao Centro de Investigação da U.E.I.A., localizada no Zango 5 mil.

Mesmo depois dos agentes terem ido embora, a Polícia ainda ficou no local na expectativa de acharem ou descobrirem algo importante. Eles saíram do local quando o local onde o corpo foi achado fosse limpo pelo SPCB. Então, um dos agentes foi até ao oficial João Filipe. Ele tinha uma dúvida.

— Quem eram eles, senhor?

— Eles são a Unidade Especial de Investigação Angolana. Foram enviados pelo Comandante Geral da Polícia.

— Disse, olhando para o agente que colocou na cabeça o seu chapéu por causa do sol forte.

— E não saberemos nada sobre a investigação? — Questionou o agente, indo para a sombra que tinha a frente da farmácia do Nginga. Ao vê-los, os alunos que aí estavam deixaram espaço e ficaram perto do posto.

— Essa é a má notícia que ele me deu. Eles são autónomos e investigam sozinhos, só compartilham a investigação quando é preciso. — Sorriu. — Eles não vão durar! O governo gosta de comandar as agências de investigação. — Acrescentou.

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

Capítulo IV

A Pista da Boutique

O corpo foi levado para a autópsia.

Os agentes, porém, estavam calados dentro do carro, tentando organizar as ideias. Só dava para se ouvir as sirenes tocando e os agentes a desfolharem e lerem as suas anotações.

Germana olhava as fotos que tirou do corpo. Jorge olhava pela janela, vendo as viaturas e as pessoas paradas, olhando enquanto o carro passava com os vidros pretos e fechados.

— Ela estava sem identidade. Será difícil sabermos quem ela é. — Disse Melícia, tateando no seu tablete. Revirou os olhos e pediu que ligassem para Marta.

— Pessoal, olá, olá. Mais uma vez, Olá. — Disse, tateando no computador. Dava para se ouvir os toques dos teclados do computador. — O que precisam? — Ela acrescentou, sorrindo.

Melícia pôs em alta e disse:

— Marta, descobriste alguma coisa com as fotos que tiramos?

— Poxas, nem faz 15 minutos e já querem resultados? — Resmungou. — Mas enfim, se eu não fosse genial, não teria resultado. — Acrescentou, sorrindo.

Kudi

Ela explicou que a jovem tinha uma tatuagem cara, não é para qualquer um e não aparece em qualquer lugar.

— A tatuagem foi bem-feita, foi feita por um profissional. Ainda estou a pesquisar quais profissionais de tatuagem fazem, depois dou notícias. — Concluiu.

— Eu acho que ela vive numa zona de média renda — disse Tito.

— Como assim? — questionou Rosa, fitando os olhos nele.

— Eu vi a roupa dela, tem um tecido caro. A etiqueta das roupas diz que foram compradas numa loja só — Argumentou.

— Sim, a loja na verdade é uma boutique, vi pelo número de série e, é a Boutique Noémia JB, localizada no Talatona — Disse Marta pelo telefone.

Tito pediu que Marta ligasse para lá e pedisse informações sobre a vítima. Marta ligou para eles, mas eles não atendiam, por isso Tito disse ao motorista para irem até ao Talatona.

— Marta, envie o endereço específico, por favor! — Disse Maria, antes de encerrar a chamada.

Naquele instante o carro parou na Vila de Viana, perto do SPCB. Maria, Rosa e Jorge desceram do carro e foram com a viatura do SPCB, levando o cadáver até ao Hospital Maria Pia,

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

para a autópsia — entender como ela morreu ajudaria a saber mais sobre o assassino. Essa é base fundamental da criminologia.

Durante a Escola Clássica, os cientistas que formulavam os princípios da criminologia se concentravam em estudar o crime e o criminoso, porém, atualmente é diferente. Os agentes e investigadores investigam a vítima e o crime, pois as circunstâncias em que o crime foi cometido diz muito sobre o assassino.

Pensando nisso, Tito lembra de um caso que ele resolveu quando pertencia a antiga DNIC - Direcção Nacional de Investigação. Havia um grupo que atuava na Ilha de Luanda, roubando propriedades sem serem vistos. Ninguém percebia nada. Seu raciocínio é interrompido quando percebe que o carro está a parar.

— Chegamos? — Disse ao motorista, encostando perto do minimercado ARREIOU. Descendo do carro, ele consegue ver a Boutique com tanto estilo. O lado frontal é toda coberta de vidro transparente. Em cima há um letreiro BOUTIQUE NOÉMIA JB, num estilo francês, com manequins vestidos com roupas de moda no lado de frente, no interior. No lado esquerdo, os AC, todos em funcionamento, ligados a um só tubo de esgoto que descia até a frente, finalizando num pequeno balde preto que estava a meio com água.

Ele chega até a porta e consegue ver três pessoas: uma mulher de blusa preta, mangas longas e peruca preta cacheada, que pelos vistos era do atendimento ao público, mais um homem

Kudi

de costas com calça jeans preta, camisola branca com escritas em Inglês. No lado esquerdo dele, havia uma moça sentada com um saco do ARREIOU nas mãos, usando o telefone tão atentamente.

Tito olha para trás, enquanto pega na maçaneta, esperando Germana que ajustava o seu salto alto. Tito riu do cenário.

— Que foi, hein? — Questionou Germana, vindo na sua direção.

— Como é que uma agente vem ao campo com saltos altos? E se aparecer um bandido, como vais correr com isso? — Caçoou dela, rindo.

Germana olha-o para ele, e quando a ranger chegou perto dele, pôs a mão direita no seu ombro, após subir os cinco degraus, e disse num tom suave:

— Como é que a tua mulher consegue fazer aqueles movimentos na cama? — Riu, dando às costas e entrando dentro da Boutique.

Tito ficou pensativo.

“Movimentos? Será que elas se contam...? Não, não! Não pode ser...! Elas conversam sobre tudo. Será que...” — pensava, entrando também na boutique, olhando atentamente para a Germana, envergonhado. Quis perguntar-lhe algo, mas, tinha medo da resposta.

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

“Muito boa tarde a todos!” — Disseram, unanimemente.

“Boa tarde!” — Responderam todos, porém, a mulher sentada nem sequer tirou os olhos do telefone, o homem olhou para o Tito e Germana deu espaço, encostando no lado direito.

— Como posso ajuda-los? — Disse a mulher que atendia, com um sorriso bonito e gentil.

— Precisamos receber informações sobre uma cliente vossa! — Disse Tito, olhando para o balcão. Ele vê que na secretaria da mulher há um livro, presumido ser o livro dos registos. Ela também usava um computador de mesa e tinha a mão direita no mouse.

— Quem são vocês? Nós não podemos dar informações sobre os nossos clientes! — Disse a mulher num tom sério.

— Como te chamas? — Perguntou Germana.

— Lumara Costa. — Disse a mulher, sorrindo de novo.

— Lumara, o meu nome é Germana Pedro e nós somos agentes. Estamos a investigar a morte de uma mulher que é vossa cliente.

— Oh meu Deus! Quem morreu!? — Disse Lumara.

Tito e Germana explicaram o caso a Lumara, mas não podia ajuda-los por causa da política da empresa — ninguém podia fornecer informações sobre os seus clientes.

Kudi

— Podes chamar o seu chefe? — Disse Tito.

— Ele não está! — Disse Lumara, revirando os olhos.

— Ele está sim, Lumara. Chame-o ou o vamos buscar lá em cima e dizer a esposa dele o que está fazendo... — ameaçou Tito, pondo as mãos no balcão. Ao fundo Tito vê tantas prateleiras e guarda-roupas com tantas roupas de moda. — Ligue para ele, sabemos que está lá em cima!

Lumara pegou o telefone e ligou para o seu chefe, invés de um “Alô” ouve gritos depois o chefe dá a ela uma resposta inesperada.

Após Lumara explicar tudo a Tito e Germana. Tito recebe uma chamada de Jorge.

Jorge:

“Temos um problema! ”

Tito olha para a Germana, com um olhar ofegante.

Tito:

“Estamos a caminho! ” — Disse, caminhando para a porta.

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

Capítulo V

Autópsia

Luquênia Gomes chama o Jorge que andava às pressas. Ele entra na sala da autópsia e vê Luquênia de costas, trajada com uma bata branca bastante cumprida que cobria até os seus joelhos, ela usava uma calça jeans azul clara e uma blusa de mangas cumpridas que era tão acesa e chamativa devido a sua cor laranja. Ela também usava uma toca e Jorge nota o gancho que ela pôs para prender o cabelo dentro da toca.

Luquênia dava uma olhada nuns papéis em sua mão, no lado esquerdo estava uma camada de metal onde estava o cadáver que estava coberto por um pano branco. No lado esquerdo também pode-se ver as gavetas onde estavam os cadáveres de outras investigações.

Jorge esfregou a mão pensando que era o seu dia de sorte, pois ele sempre flertava a Luquênia, mas ela só ria diante dele, por isso ele achou que é a ocasião perfeita para descobrir se ela tinha um sentimento por ele.

Enquanto ele se aproximava, a Luquênia percebe que a porta atrás dele estava se abrindo. Olhando para sua trás, vê Maria entrando com tanta pressa.

Kudi

— Desculpem pela demora! — Disse, antes de estar totalmente dentro. Ela percebeu o silêncio e ao entrar vê Luquênia com a mão no peito.

— Carambas, que susto! — Disse Luquênia, assustada por ver Jorge em pé à sua trás.

— Você passa o dia a ver cadáveres e assustas com pessoas vivas? — Disse Jorge, rindo.

— A única pessoa morta de verdade está a rir neste momento! — Disse Luquênia, séria e acabando de recolher os papéis que havia deixado cair devido ao susto. Com os papéis nas mãos, endireita as lentes, saúda a Maria que estava séria e calada atrás do Jorge que já estava sem o sorriso rosto. — Liguei para o Tito há pouco tempo e eles já estão a caminho... — Olhou para Maria, num tom sério e suave.

— Okey! Há algo que vocês vão achar muito estranho nisso tudo. — Disse Luquênia, destapando o cadáver.

Jorge e a Maria se aproximam, olhando de perto.

— Todos os cadáveres são estranhos, pois não? — Disse Jorge, mas foi ignorado e recebeu um par de olhadas ao ponto de se sentir igual alguém ferido com uma espada de dois gumes. — Só explica facilmente, pois tens o hábito de usar as palavras técnicas, tipo contusão e nussequê... bactéria de bacilo e nussequê... — Continuava, ignorado e interrompido pela Luquênia, que, põe os dois pares de luvas e se prepara para explicar. Ela aponta para cada sítio antes de os explicar.

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

— Ela é uma jovem de uns 22 anos, com 46 kg – peso normal, destra e tem uma saúde impecável, presumo que ela tem seguro de saúde dos grandes. Ela foi vítima de cortes na garganta e nos pulsos foram depois de já estar morta, por isso não há vestígio de sangue dela no corpo...

— Como assim do sangue dela? Há sangue de outra pessoa? — Jorge a interrompeu, fixando o olhar nela.

— O apressado come cru, calma vamos chegar lá... — advertiu, tentando continuar com o seu raciocínio, mas Jorge a interrompeu novamente.

— E os cortes? Será que nus queriam despistar da verdade?! — Diz Jorge, olhando de perto para os cortes na garganta.

— O meu trabalho é fazer autópsia e não fazer suposições presumíveis sobre o assassino. Eu não sou criminalista, sou legista. Então deixe eu fazer o meu trabalho e depois vais especular noutro sítio, me deixando com os meus mortos. — Disse, voltando à explicação. — A causa da morte foi esfaqueamento no abdômen, perfurando o baço que a fez sangrar. O ferimento foi estancado e a ferida foi tratada, até mesmo puseram pontos, como estão a ver — apontando para as feridas costuradas.

— Se o ferimento foi tratado, como ela morreu? — Questionou Maria.

Kudi

— A faca partiu e um pedaço do metal ficou preso no osso mais perto da boca do estômago, criando mais lesões e mau funcionamento de outros órgãos. — Respondeu Luquênia, abrindo o abdômen do cadáver, apontou para o estômago que tinha um buraco preto, causado pelo metal.

— Ela sofreu? — Perguntou Jorge.

— Sim, claro! — Respondeu, assentindo com a cabeça. — O objeto contundente causou muitas lesões no baço, o que fê-la sentir dores igual ao rasgar de uma lâmina. — Dizia, apontando para as lesões e abrindo a caixa torácica. Ela também mostrou um dos ossos que ficou danificado. — Ela teve hemorragia interna, achei sangue no estômago e nos intestinos. — Acrescentou.

— Carambas, morte dolorosa! — Assentiu Maria, abanando a cabeça.

— Pois é, ela perdeu sangue, sofreu pela dor, teve náuseas e desmaios. E ela não conseguia comer por que as dores seriam o quádruplo. — Disse Luquênia, olhando para o Jorge que foi para um canto usar o telefone. Ele parecia tenso e Luquênia achou que estava a falar com uma mulher.

— Conseguiste determinar a hora da morte? — Disse Maria, desviando a atenção da Luquênia do Jorge.

— Sim, sim...! — Respondeu apressadamente, olhando para os papéis nas suas mãos. — Eu presumo que ela morreu ontem, às 20 horas e 46 minutos. — Disse, suspirando.

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

— Como sabes as horas exatas?

— Porque eu sou uma bruxa e falo com os mortos. Essa mulher falou para mim! — Disse, toda séria.

Maria ficou de boquiaberta e pasmada pela resposta. A olhava com preconceito e certo medo. Luquênia ri, caçoando dela.

— Tinhas que ver a tua cara... acreditaste mesmo!?!... carambas! — Dizia, rindo da Maria que parecia ter acreditado no que a Luquênia havia dito.

— Ufa! Que susto! — Respondeu Maria, dizendo que ela seria capaz de sair correndo por causa de uma bruxa, pois ela cresceu na cidade e sempre ouvia e ouve péssimas histórias sobre feitiçarias nas aldeias e zonas rurais. Ela contou que quando era pequena, um colega dela morreu, por isso, todos os seus colegas foram ao funeral. Só que enquanto iam até o cemitério, o caixão voltou voando. Ela viu o caixão e todas as pessoas seguindo o caixão.

— Carambas! Foi.... Sei lá.... Quem me dera estar lá para ver o caixão voando ... — Disse Luquênia, deslumbrada e rindo. — Falo sério! — Acrescentou, vendo Maria olhando para ela com estranheza.

Maria pergunta novamente sobre a hora da morte e Luquênia explica que a vítima usava um relógio que estava partido. O relógio estava partido e a última hora registada era 20 horas e 46 minutos.

Kudi

— Além disso, a temperatura do fígado aponta para a mesma direção, mas o relógio é mais exato. Também pelo estado da ferida, posso afirmar que ela morreu 46 horas antes de ser encontrada. — Assentiu, dando mais uma checada nos papéis. — Nesse caso seria Sexta-feira, as 20 horas e 46 minutos. — Concluiu Maria.

— Há digitais? — Perguntou Jorge, pondo o telefone no bolso e se aproximando.

— É mesmo disso que vou falar agora, pois achei impressões digitais no esfaqueamento no abdômen. A mesma digital está por várias partes do corpo. — Dizia de costas, pois estava a tirar as roupas da vítima da gaveta.

— Já identificaram as digitais? — Perguntou Maria.

— Sim, enviei elas para a Marta. Além disso, nas roupas da vítima achei sangue que não era dela e ela só estava com um brinco. Porém, na outra orelha o brinco foi arrancado, se observarem, há feridas na orelha. — Concluiu, enfatizando que estava à espera do resultado de alguns exames para terminar com a autópsia.

Jorge e Maria agradecem e vão saindo da autópsia, em direção ao encontro do Tito.

Dois minutos depois, Jorge volta correndo porque se esqueceu de dizer algo para Luquênia.

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

— Que foi? — Perguntou Luquênia, com dois frascos de sangue nas mãos, que ela levantou até perto dos seus olhos, analisando-os.

— Esqueci de te dizer que o nome da vítima é Ana Maria Gonçalves.

— Eu já sei disso, mas obrigado! — Disse, séria e ignorante.

— Como é que já sabes! — Disse Jorge, confuso ficou em pé esperando uma resposta. Contudo, nada lhe foi dito, pois ficou parado por uns dois minutos e não obteve nenhuma resposta, então ele se foi embora ao encontro do Tito e dos outros colegas.

Jorge estava meio pensativo, querendo saber o que levaria uma mulher de apenas 22 anos ser esfaqueada.

Kudi

Capítulo VI

Qual é o próximo passo?

Marta olhava para o computador, sentada na sua confortável cadeira preta com rodas e um apoio fofo, sem falar da almofada que ela põe como recheio, o ar fresco, a luz clara pela lâmpada e pela janela que dava vista para os Edifícios da Centralidade. Naquele mesmo momento ela sente o seu telefone vibrando por cima da mesa. Ela segura e vê que era o Tito ligando para ela, então sem mais demora ela atende o telefone e leva aos ouvidos.

— Como vos posso ajudar? — Perguntou Marta, pondo os auriculares nos ouvidos e, rapidamente põe as mãos nos teclados do computador.

— Descobriste alguma coisa sobre a nossa vítima? — Perguntou Tito, tendo posto o telefone na mesa, no meio da sala de reunião.

— Ela se chama Ana Maria Gonçalves, mas só o nome não é suficiente para descobrirmos exatamente quem ela é. Existem mais de 2576 Ana Maria Gonçalves. — Disse Marta, esperando uma reação do Tito. Ela esperava que ele a pressionasse. — Espere aí, acabei de receber uma chamada da Luquênia. Venho já. — Acrescentou, terminando a chamada.

Saltando da cadeira foi ao encontro da Luquênia.

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

Na sala de reunião:

Tito explica o que aconteceu lá na Boutique. Lhes explicou como a funcionária da Boutique tentou lhes enrolar, mas a convenceram a cooperar. Ouvindo isso, Germana olha-o nos olhos com dúvida e questiona-o.

— Como você soube?

Os agentes na sala ficaram curiosos. Tito só ficou calado, pensando no que ia dizer.

— Bem-disse, cruzando as mãos após tirá-los do bolso.
— Quando estávamos prestes a chegar... — estava dizendo, porém, interrompido pela Luquênia e Marta entravam pela porta da sala de reunião.

Jorge percebeu que Luquênia estava diferente, algo nela estava estranho.

— Estás tão... tão... deslumbrante! — Disse Rosa, se aproximando. — Estás a namorar? — Acrescentou, reparando para ela. Luquênia olhou para o Jorge e riu, negando com um aceno com a cabeça.

— Eu apenas estou sem os óculos! — Disse, sorrindo. Evitou comentários e foi logo ao assunto.

— Bem, Marta e eu seguimos uma pista e descobrimos algo interessante! — Disse Luquênia, dando olhada nos papéis na sua mão.

Kudi

Luquênia e Marta explicaram o que descobriram. A descoberta criou luzes sobre o que já sabiam, porém, havia uma dúvida, dúvida que era uma chave crucial para um avanço significativo na investigação.

— O nome da vítima é Ana Maria Gonçalves, Luquênia presume que seja uma jovem de uns 22 anos, boa saúde e muito bonita. — Disse Tito, olhando para o seu tablet de cor branco da marca Apple.

— Na Boutique só têm o nome dela, sem nada sobre as informações do bilhete de identidade, além disso ela nunca pagou com cartão de crédito, então não podem saber qual das Ana Maria Gonçalves ela é. — olhou para o dossiê na sua mão. Ela olhou para a mesa e puxou uma outra folha.

— O que a matou foi o esfaqueamento. — Disse Rosa, olhando para as fotos na sua mão. — Que tipo de pessoas é que cortaria os pulsos de um cadáver? — Continuou. — E se a pessoa que a esfaqueou foi uma pessoa e o que lhe cortou a garganta e os pulsos foi outra pessoa? — Fez uma suposição.

— Isso explicaria a razão do corpo dela ter digitais perto do ferimento. — Concluiu Germana.

— E o facto de um pedaço de metal ficar dentro do abdômen indica a violência e força que o agressor teve. — Disse Jorge, olhando para a Luquênia. Ele ansiava que Luquênia

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

falasse sobre isso, pois essa era a área dela, mas a timidez prendia-lhe a coragem.

— De acordo Com o relatório da nossa querida legista (Luquênia), a vítima foi esfaqueada na sexta-feira e devido ao metal contundente no abdômen, ela morreu ontem por volta das 20 horas e 46 minutos. — Disse Tito, olhando os papéis. Ele então conclui que alguém a esfaqueou sem intenção de matá-la por causa do tratamento que havia recebido, mas ela morreu e provavelmente o assassino lhe cortou os pulsos para não haver provas contra ele. Porém, Rosa insistia que eram duas pessoas envolvidas.

— O que cortou os pulsos e a garganta devia ter achado que ela ainda estava viva e por isso a cortou os pulsos, achando que a matou — Disse Rosa.

Marta interrompeu e riu, perguntando se eles costumam a ensaiar isso.

— Eu não me desgosto de boa ver teorizar sobre criminologia e tudo mais... Poxas! — Foi se sentar ao lado do computador e omeçou a teclar rapidamente. — Parece que a Luquênia está certa! — Disse usando o computador, sem olhar para as pessoas que lhe falavam.

— Certa sobre o quê? — Questionou Maria, indo em direção da Marta.

— A Ana Maria Gonçalves na verdade vive no desvio do Zango, no Condomínio Vida Pacífica, prédio número 6 B, rua

Kudi

12. — Disse Marta, agradecendo pela dica de comparar as características dela com as pessoas nos condomínios. Sugeriu também pesquisar por fotos iguais a da vítima.

Havia duas teorias, e as duas são lógicas, porém, será que a casa da Ana Maria era a chave para o próximo passo? Seriam mesmo dois indivíduos: o criminoso e o suposto assassino? Porque alguém iria querer matar uma jovem como aquela? O relatório da autópsia revela que ela ainda era virgem, então não se podia dizer que é namorado.

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

Capítulo VII

P'ra casa da vítima!

Ao longo da estrada, os carros paravam por causa da sirene do carro da polícia no local, deixando-os em alerta.

A população via três viaturas em alta velocidade: duas da Polícia Nacional e um CHEVROLET preto com vidros fumados. Havia policiais armados nas viaturas da polícia, todos equipados com armas, colete, algemas, gás lacrimogêneo e estavam todos de chapéu.

Alguns presumiam que, talvez se tratasse de um político, outros induziam que era o SIC indo prender alguém. Ainda outros destratavam-nos, dizendo que não se deve preocupar com o que não lhes daria dinheiro algum.

As viaturas entrarem no condomínio “Vida Pacífica”, presumindo que se tratava de mais um caso de roubo ou invasão de propriedades, pois era muito comum naquela aria. As pessoas não paravam de olhar, queriam saber onde iriam parar e quem era o criminoso daquele dia. As pessoas olhavam com atenção, vendo as viaturas parando e os policiaes se posicionarem na entrada do prédio.

Quatro policiais ficaram de sentinela, o resto entrou com os investigadores da U.E.I.A.

Kudi

Tito e Germana foram pelo elevador com quatro agentes, ficando na frente da entrada. O resto da equipe foi pelas escadas. Naquele instante, o telefone do Tito toca. Era o Ministro da Justiça e dos Direitos Humanos.

“Senhor Ministro? ”

“Oh, sim, investigador Tito. Preciso de si...”

“Estou no meio de uma investigação, senhor”

“Eu sei, mas há mais casos. Quero que investiguem já, é de extrema urgência! Irei enviar-te as informações”

“Senhor!?” — Disse Tito, mas sem resposta. O telefone ficou mudo. — Desligou na minha cara! — Disse Tito para si mesmo.

Tito recebeu uma mensagem com as informações sobre o novo caso. Em seguida ligou para Maria.

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

O telefone da Maria começa a chamar enquanto subia as escadas com alguns agentes da polícia.

— Só um momento — Diz, fazendo uma pausa para pegar o telefone.

“Tito, algum problema? ”

“Há um novo caso no Calemba 2, o caso pode estar ligado ao nosso assassino. Preciso que vocês vão para lá”

“Okey, iremos para lá”

Maria termina a chamada e olha para um dos agentes da polícia que estava com ela.

— Façam um bom trabalho, tá? — Com um sorriso no rosto.

Kudi

Quase ao destino, no 5º andar, Tito olha para os agentes da polícia.

— Só fiquem de vigia, não permitam que ninguém entre ou saía deste andar, tá? — Disse, olhando para eles, esperando uma resposta.

“Entendido!” — Responderam os agentes da polícia em uma só voz.

Logo que a porta do elevador foi aberta, em apenas alguns segundos os agentes manterão as suas posições: um na escada; outro na porta do elevador; um no meio do corredor e um dos agentes com Tito e Germana, estavam de frente à porta do apartamento da vítima.

Tito abre a porta com uma cópia da chave dada pela recepcionista. O agente da polícia fica na porta, a espera de segundas ordens enquanto que Tito e Germana entram no apartamento. Logo que entraram se depararam com uma janela de aproximadamente quatro (4) metros, tendo uma vista para a estrada. Dá para se ver o KFC e a ponte de Betão. De longe, ele vê uma viatura da polícia sair do condomínio.

— Eu vou à cozinha... — Disse Germana.

— Está bem, qualquer coisa chame por mim. — Disse Tito, estando de costas enquanto olhava para baixo, onde vê muitas pessoas olhando para o prédio, todos de olho nos agentes que impediam a entrada de qualquer um.

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

Tito tirou sua cabeça da janela, ficou olhando para a mobília da casa, percebeu que alguns moveis eram novos, como o sofá branco, o tapete junto do sofá e a tv plasma afixada na parede. Na parede esquerda havia uma estante antiga, cheia de livros na parte superior e papéis e jornais na parte inferior.

Dando uma olhada nos livros, Tito ficou pasmado ver os nomes dos escritores de alguns livros, como: Pepetela, Agostinho Neto, Mia Couto, Reinira28, Beni Dya Mbaxi, antologia do Gelela, vol. 1, 2, 3, e entre outros muitos escritores.

Agachando-se para ver as folhas da parte inferior da estante, apoiou a mão direita no chão, percebendo que o mosaico branco estava muito limpo e, de perto dava para se sentir o cheiro do detergente usado. Passou a mão no chão e não havia poeira nenhuma.

— Até parece que limparam o chão hoje — Disse, em voz alta, ouvindo Germana a reclamar.

— Aqui na cozinha está um lixo! — Observou.

Continuando entre as gavetas da estante, Tito acha um álbum de fotos.

Kudi

Enquanto Tito via as fotos, Germana observa a cozinha: havia pratos sujos na pia, caixas de pizza, pelo menos cinco caixas, todas com as faturas coladas na caixa, baldes de frango do KFC, etc. Vendo as faturas, ela percebe que tanto a pizza como os baldes de frango foram comprados no mesmo lugar, KFC.

Ela vê também a janela aberta, o chão todo empoeirado, igual a alguns utensílios na cozinha. O balde de lixo estava cheio com latas de comidas enlatadas e com garrafas plásticas de refrigerante e água. Sacolas pequenas, sem marcas, dos quais, uma delas tinha pratos descartáveis.

Olhando para a despensa: viu um saco de arroz ao meio, tendo também arroz no chão. A despensa tinha uns dois metros quadrados. O arroz já estava fora de prazo e a marca era ELEPHANT. Voltando à cozinha, ela abre a geladeira e dá um grito voltando para trás, põe a mão direita no nariz e chama pelo Tito.

— Tens de vir ver isso! — Acrescentou.

Entrando pela cozinha, Tito sente o cheiro. O cheiro fê-lo lembrar de um caso no Cazenga de um jovem que foi morto e enterrado num baldio desolado usado como campo pelos municípios. O cadáver estava a mais de uma semana enterrado, mas o buraco não foi fundo o suficiente para abafar o cheiro. O forte cheiro incomodava a população. Antigos combatentes da zona já desconfiavam que fosse um cadáver, pois na guerra viram coisas piores. Após acharem o local, a DNIC foi

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

informada, mas muitos não conseguiam sequer chegar perto, o cheiro, as moscas e os vermes a vista. Pois ao cavarem, o abdómen foi rompido, fazendo com que as entranhas ficassem a vista e o cheiro piorasse.

Na zona ninguém comia. Alguns agentes da DNIC vomitavam e faziam um rosto de repugnância. Uma delas que o Tito lembra muito bem, era a chamada "Dona da Lábia", que à poucos metros ela vomitou tanto. Tito foi um dos corajosos que trabalhou e retirou o cadáver de lá.

O cheiro que ele sentia na cozinha, era o mesmo que ele sentiu naquele dia, por isso, concluiu que só pode ser um cadáver.

“Mas como um cadáver caberia numa geladeira como essa?” — Pensou, caminhando.

— A não ser que o cadáver foi cortejado! — Concluiu, pegando a porta da geladeira. Ao olhar para dentro, ele fica ainda mais chocado.

— Pois é! — Cismou Germana, atentando a expressão facial dele. — É pior do que pensei! — Concluiu, séria.

— Pior seria um cadáver, não achas?

— Pelo menos saberíamos de quem é o cadáver. E agora isso? Como saber de quem é? — Apontou novamente para a geladeira, argumentando.

Ouvir isso deixou Tito eufórico e pensativo. Analisando a tese da Germana, ele concordou, assentindo com a cabeça.

Kudi

“Tens razão!” — Soou.

Enquanto ainda faziam observações, Tito liga para a Marta, que chamou pela perícia.

Capítulo VIII

Parece que foi assassinada!

A viatura da polícia estava a caminho do Calemba 2. À distância Maria via pessoas a volta e a polícia protegendo o local do crime. Ao se aproximar do local, um agente da SIC se dirige a eles com uma atitude rude.

— Quem são vocês, hein? — Disse o homem. — Nada de jornalistas! — Acrescentou com desabor.

Com calma, Maria e Jorge se aproximam, mostrando a sua identificação.

— Somos da UEIA. Estamos aqui para ajudar! — Disse Jorge.

— Oh, caramba! Desculpem. Fui informado que cá estariam. — Disse, caminhando com eles para dentro onde estava o cadáver. — O nome da vítima é Ilda Damião e o marido, que é suspeito, chama-se Ambriz Vintém. — Acrescentou, olhando para a sua anotação.

— Okey. A perícia e a legista já chegaram? — Perguntou, séria, olhando pelas horas.

O quintal estava em murmúrio, choros daqui e dali. Uns gritavam que o marido era o assassino, outros induziam que ele era feiticeiro, porém Maria e Jorge não davam razão a essas

Kudi

teorias. Rosa junto dos outros agentes da SIC, estavam a recolher depoimento e informações sobre a vítima e o agressor.

— A perícia ainda não chegou e a legista disse que já está a caminho. — Garante o agente da SIC, olhando para o telefone.

— A que horas a SIC chegou aqui? — Disse Maria, pronta a anotar no seu bloco de anotações.

— Às 8 horas, segundo familiares a vítima foi morta às madrugada. — Disse. — Fiquem à vontade, volto já! — Deu de costas, pois, foi chamado.

Entrando pelo quarto onde estava o cadáver, vê-se um quarto pequeno, sem reboco, o chão bruto antigo e com buracos. Haviam roupas na parede, penduradas nos pregos. No fundo havia uma pequena banca com vários livros das Testemunhas de Jeová, Bíblia, estudo perspicaz, histórias da Bíblia, Meu Seguidor e até mesmo livro dos pioneiros. A cama, ou seja, o colchão estava por cima das caixas de refrigerante “Coca-Cola”. Por cima da cama tinha três lençóis – um branco, um azul e outro castanho, entre os quais estavam volvidos o corpo da vítima. Havia uma corda amarrada por cima, num dos tubos metálicos usados como base para a afixação das chapas, estavam enferrujados.

Olhando de perto, Maria notou que havia marcas no pescoço da vítima. Os olhos dela estavam abertos, boca aberta e

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

os pulsos apertados. Havia também um ferimento na cabeça, porém, não havia sangue.

— O que achas? — Questionou Jorge, que observava as coisas, panela, baldes plásticos, livros e roupas.

— Teremos de saber mais. — Disse, olhando-o nos olhos. — Eles eram Testemunhas de Jeová, o marido já era ancião. — Acrescentou.

— E o que isso tem haver? — Confuso, Jorge chega mais perto dela.

— Essa organização religiosa ensina a dar valor a vida.

— Então, achas que foi um acidente ou suicídio?

— Ela tem esse ferimento na cabeça. Parece que não foi suicídio, foi uma forte pancada, talvez com um objeto metálico. — Concluiu.

— Será acidente? E essa corda? — Questionava Jorge, olhando para cima. Pegando a corda com as mãos cobertas com luvas, percebem que é um dos lençóis da cama. Lençol branco, tecido leve e escorregadio.

— Parece que a ela foi assassinada. — Concluiu Jorge.

— É o que parece! — Debruçou, levando os ombros.

Kudi

Capítulo IX

É um assassino em série...

Tito e Germana ainda estavam na casa da Ana Maria Gonçalves, todo o cuidado era pouco. Qualquer coisa era uma prova e algo crucial para a resolução do crime. A perícia ainda estava a analisar as provas que pegaram na casa da Ana.

Perto das 15h30 minutos, saíram da casa da vítima, as questões não paravam de surgir. Ao invés de acharem uma pista, acharam mais uma questão que ansiava pela resposta.

“De quem é o dedo? O que faz ele na geladeira da vítima?” — Pensou Tito, envolvido no seu raciocínio, lembrou do que ocorrerá há menos de meia hora atrás, quando se encontrava na casa da vítima. Lembrando, sorriu, chamando a atenção da Germana, que o olha com uma repulsiva curiosidade.

— Do que estás rindo?

— Lembras... — ria. — Quando a Luquênia chegou e perguntou “aonde está o cadáver?” — Acrescentou, tossindo pelo engasgo. Germana assentiu e riu de volta.

— És um abusivo. Disseste-a que o cadáver está na geladeira. — Olhou pela janela do carro, vendo o rápido tráfego.

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

— Se calhar sim. Também não dá para ficar muito sério toda a hora. — Sorriu. — Eu disse a ela: o cadáver está na geladeira, contudo, essa maca é grande demais! — Lembra, dando atenção ao motorista, que, em toque de mestre entra ao estacionamento da sede da UEIA, no Zango cinco mil.

— Você tem de ser mais sério! — Advertiu Germana. — Alguns podem usar essa sua simpatia para fazer acusações contra si. — Acrescenta.

— Se eu for sério, qual seria a graça desse livro?

— Que a graça seja o Jorge. Um chato é o suficiente, não achas? — Olhou-o nos olhos.

O carro parou naquele instante, ficaram alguns segundos dentro do carro arrumando os papéis que carregavam sobre o caso da Ana Maria Gonçalves.

— Pelo menos, deixe-me degustar desse livro, tá? Depois daqui eu ficarei sério. — Abanou a cabeça, assentindo.

Ao entrarem no edifício, Marta foi ao encontro deles no corredor. Ela parecia preocupada. Marta respirou fundo, recuperando o fôlego.

— Respire mesmo bem... — disse Germana, abraçando-a pelo ombro. — Que foi? — Acrescentou, subindo no elevador.

Kudi

— O reitor de uma Universidade em Portugal ligou. Ele disse que é urgente! — Disse. — Ele está online na sala de reunião. — Acrescentou, caminhando com eles, explicando que ele sabia um pouco sobre a investigação.

— Como ele soube? — Perguntou Tito, apressado.

Quando chegaram à sala de reunião, vêm um rosto velho, cabelo grisalhos, pele branca, com pintas pretas no rosto todo e cabelo desorganizado. Usava uns óculos. Bocejou, olhando para as fotos da vítima.

— Olá... — Disse Germana, após reparar a sua roupa para dar uma boa impressão. — Como nos pode ajudar? — Acrescentou, séria.

— Saudações! — Disse o homem, se endireitando na sua cadeira preta em sua secretária. — Essa morte não é incomum. Já aconteceu outras vezes! — Confirmou.

Ele explicava que: há anos atrás, em Portugal houve três mortes com este método, sem falar do Reino Unido e Estados Unidos da América. Explicou que quando era reitor da Luquênia, houve a segunda morte, sendo que a Universidade em que estava foi escolhida para fazer a autópsia. Uma das alunas fez um ótimo trabalho e nos ajudou a descobrir que as vítimas dele têm uma ligação parental desconhecida.

— A mesma aluna que descobriu isso, me enviou essas fotos para saber se seria possível o assassino estar em Angola. E

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

eu digo que está. — Diz, sério. — Esse assassino é procurado pelo FBI e pela Interpol. É perigoso e cauteloso. Ninguém conhece o seu rosto, porém, vocês têm a chance de resolver o que muitos não conseguiram fazer. — Disse, olhando para as fotos da vítima. Enfatiza que havia alguma coisa diferente e, que se calhar havia mais cadáveres por aí.

Tito ouvia atentamente o homem de cabelos brancos grisalhos. Até que a sua atenção fora roubada pela ligação do Ministro da Justiça e dos Direitos Humanos, informando que a Interpol quer assumir a investigação, pois eles achavam que o sistema de investigação criminal em Angola é vago e disfuncional para esse tipo de caso. Queriam enviar uma equipe para investigar.

“Porém, eu neguei isso” — Garante o ministro. — “Porém, uma agente deles em Angola está a caminho para acompanhar e ajudar na investigação”. — Acrescentou.

“Não queremos ser atrapalhados, senhor”. — Dizia, olhando para a porta se abrindo: uma mulher alta, de pele clara, com calça social preta, blusa formal rosa. Calçava um salto alto e estava acompanhada de uma bolsa preta. Do seu lado havia dois agentes de guarda, apontando na direção do Tito, que ainda estava ao telefone.

“Acho que ela já está aqui! ” — Disse ao ministro, desligando o telefone, pois ela ia em sua direção.

Kudi

— Olá, boa tarde. — Disse a mulher. — Eu sou a Edna Felgueiras e sou da Interpol — Acrescentou, correndo seus olhos para sala toda.

— Prazer em conhecer-te. — Disse Tito, estendendo a mão. — Estava mesmo a sua espera. Será um prazer trabalhar convosco. — Riu, levando-a pra junto dos agentes presentes para apresentá-la.

Naquele instante, Luquênia entra na sala de reunião, cumprimenta todo mundo e traz uma novidade. Ao ver o seu reitor no ecrã da TV tela grande, ela sorri.

— Oh, meu Deus! — Sorriu, tendo um brilho especial nos olhos. — É mesmo tu? Como vai? — Acrescentou.

— Estou bem. E você?

— Bem, como sempre. O que achaste das fotos?

— A sua equipe vai te dizer tudo! Até mais, tenho uma reunião. — Sorriu, desligando a chamada de vídeo.

Luquênia nota que na sala havia uma pessoa estranha, achava que a jovem alta que estava na sua frente era a Maria, mas não era ela. Olha para Tito, esperando uma explicação. Diante disso, Edna, começa a falar.

— Em 1979, nos Estados Unidos, foram achados corpos de três pessoas: um homem, Jack Will, duas mulheres adultas, Anne Frank e Jolie Trust, respetivamente num período de dois dias. Elas tinham entre 19 e 24 anos — Disse Edna.

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

— Pois, a nossa vítima tinha 22 anos. Seria coincidência ou está a seguir o padrão? — Sugeriu Tito.

— Pode ser que sim, pois nas casas dessas vítimas foram achadas coisas não pertencentes a elas. Para cada objeto deixado, surgiram posteriormente, um morto, até somarem três. Na terceira vítima ele não deixou nenhum objeto.

— Se calhar algo aconteceu contra ele. — Acrescenta Germana.

— Os investigadores d'altura chegaram a outra conclusão quando em 1980 na capital do Reino Unido, foi achado um cadáver: mesmo método, cortes nos pulsos, esfaqueamento, um par de tênis e objeto contundente no abdômen. Meses depois, os investigadores acabaram por concluir que ele tentou mudar de vida por alguma razão e mudou-se para a Inglaterra. Porém, ele teve uma recaída. Um ano depois, em 1981, ele deixou um dedo perto de uma igreja, coberto com um lenço ensanguentado.

— Ele estava a mudar o método? Tão repentinamente? — Disse Tito, olhando os relatórios que Marta enviou nos seus tabletes. Era um dos relatórios que a Interpol enviou para eles, sobre a investigação. Toda informação sobre o criminoso ajudaria a criar um perfil.

Edna continuou a sua explanação.

— Aquele dedo, acho que era o indicador. Significava que viriam mais vítimas e, de facto, vieram mais cinco vítimas,

Kudi

todas mulheres. Mortas da mesma forma, só que os dedos não pertenciam a nenhuma das vítimas e em casa de cada vítima encontraram-se dedos na geladeira. Ele os colocava antes de matar as vítimas.

— Na casa da nossa vítima achamos um dedo na geladeira. Não sabemos a quem pertence o dedo. — Acrescenta Germana. — É interessante que ele muda o método e muda de residência. Deve ter haver com a vida pessoal dele.

— Pode ser que sim. — Diz Edna. — Porque, em 1996, ele entra em ação de novo. Dessa vez em Portugal. Ele matou duas mulheres da mesma faixa etária. Desde então, só mais agora. — Disse, olhando para o telefone. Ela pediu licença, pois o chefe dela estava ligando para saber como foi recebida.

Capítulo X

O interrogatório

No Calemba 2:

Maria ainda estava na cena do crime, tudo estava claro. Nada dava para evitar o que as provas fortemente indicavam – A mulher estava morta, pois o marido matou-a com um objeto metálico na cabeça. Os peritos da SIC, após uma breve observação no local do crime, concluiu que a causa da morte foi a pancada na cabeça.

— Quem mais séria? — Dizia um dos agentes do SIC.
— O marido estava dentro do quarto com a mulher e os dois filhos, que dormiam. — Concluiu o agente, que porventura se chamava Mateus Ngola.

Maria só o ouviu falar, mas ela não argumentava nada.

— Onde ele está? — Perguntou-o. Os choros no quintal não paravam. Cada vez vinha mais pessoas, uns não acreditando no que acabou de acontecer.

— Com medo de ser espancado pela população, como é de costume aqui, foi entregar-se voluntariamente a esquadra. Ele fez a denúncia contra si mesmo. — Disse, olhando para o relógio preto de pulso, de cabo castanho, da marca Quartz. — A essa hora já deve estar sobre interrogatório. — Concluiu, limpando o suor com o lenço preto que tira do bolso direito da

Kudi

calça. Maria chamou pela Rosa que, naquela altura estava a entrevistar as pessoas no quintal junto com Jorge.

— Por favor.

— Sim. O que se passa? — Disse Rosa, se aproximando com uma pequena agenda preta e caneta azul, da marca Bravo. Ela fica de frente com a porta, no lado interno, olhando para as banheiras e o cadáver que estava a ser fotografado e analisado pela perícia. Dois homens eram os peritos: um de pele clara, o outro de pele negra, os dois usavam uniformes azuis, luvas, máscaras, toca na cabeça e o de pele clara fotografava com uma máquina fotográfica de marca Samsung, marca antiga. Isso fê-la sorrir.

— O que descobriste sobre o casal? — Pergunta Maria, se confinando num canto, com voz baixa.

— Sobre o marido, todos falam bem dele. Nunca se envolveu em brigas ou escândalos. Ninguém acredita que ele fez isso! — Olhando na agenda. — Sobre a mulher é o contrário. — Levantou os ombros.

— Como assim? — Questionou, chamando antes o Jorge. Maria percebeu que um grupo de agentes do SIC reunidos no quintal, perto do banheiro, estão a olhar desconfiados.

— A mulher era malandra, como disseram. Sempre em confusão e discussão com vizinhos, cunhados e até mesmo sogros. — Revirando os olhos. Ela viu Jorge perto, que também acrescenta.

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

— Uma das mulheres, que é irmã de religião do casal, disse que a vítima já se envolveu em vários escândalos. Ela tinha uma personalidade difícil, desafiava as pessoas e tentava a paciência das pessoas. — Lendo na agenda. — A outra diz que ela já envergonhou o marido por várias ocasiões. Também mencionou que ela desafiava o marido. — Concluiu.

— Parece que a vítima não era uma santa. — Instou Maria.

— Porque o SIC não faz isso? — Disse Rosa. — Nós temos uma investigação em curso. — Concluiu.

— Pois é. Fui informada que o assassino da Ana Maria é procurado pela Interpol por cometer crimes em outros países. — Informou.

— Quê? Interpol não é a Polícia internacional? — Disse Jorge, surpreendido, mudando o seu semblante mediano. — Deve ser um assunto sério! Poxas, lá deve estar doce, yha! — Riu, passando a mão esquerda na cabeça.

— O SIC e nós, sabemos que ele matou a esposa. É o que as provas mostram. Mas precisamos saber “o porquê”. — Fez um gesto com as mãos para um dos agentes do SIC. — Saber “o porquê” vai nos ajudar a saber se ele é completamente culpado. — Sorri, dando dois passos para frente.

Saber “o porquê” significa saber a razão de um crime. A razão ajuda o investigador a determinar o tipo de criminoso e o tipo de vítima. Alguém pode ser culpado, porém, a Vítimologia

Kudi

como ciência, classifica a vítima de várias formas: vítima ideal, vítima por ignorância, vítima tão culpada quanto o criminoso, vítima mais culpada que o criminoso, vítima menos culpada que o criminoso... os três investigadores tinham isso em mente. O criminoso não tem histórico de crimes nem antecedências criminais. A investigação já não se referia a assassinato. Estava na hora de aplicarem as técnicas para investigar uma nova forma de crime. Naquele momento a investigação era sobre “Intenção criminal”. Caso não houvesse indícios de que ele tenha ou teve intenções criminais, não o isentaria do crime, mas a pena seria mais leve, numa prisão não tão perigosa.

Partiram para a esquadra.

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

Chegando à esquadra, numa das periferias do Calemba 2, vê-se pessoas fora, a espera de notícias sobre o criminoso. Uns eram familiares da vítima, outros eram familiares do autor do crime. Descendo do carro, Jorge vê os agentes de Sentinela: um homem bem uniformizado vem ao encontro deles, dando as boas-vindas. Ele apresentou-se como o Inspetor-Chefe da divisão policial. Dentro do compartimento interno, são levados à uma cela.

— Onde é a sala de interrogação? — Questiona Rosa, andando pelo corredor das quatro celas.

— Não temos mais! — Disse um dos agentes que nos dirigia. — Podem interrogar na cela! — Sorriu sorratamente.

— Chame o seu chefe! — Disse Maria, após ver que ele abre a porta da cela. — Não demores! — Advertiu.

Jorge pôs a mão na cintura, onde estava a sua arma. De frente a porta, onde um dos agentes a segura, ele diz:

— Estamos à procura do homem que matou a esposa hoje!

— Sou eu, chefe! — Levantou um dos homens, sem camisa nem calça. Só usava boxer. O agente policial pegou no seu chicote e tentou espancá-lo.

“Abaxe a cara! ” — Gritou o agente, levantando o seu chicote, mas Jorge o interrompe.

— Não faça isso! Deixe-o! — Disse Jorge.

Kudi

Rosa se juntou aos seus colegas na cela, saindo do corredor. A cela estava muito abafado e cheirava muito mal.

Dois agentes da polícia entraram e levam o detido para fora. Ao verem ele, os que estavam fora da esquadra gritavam:

“Como foste capaz, hein?”

“Assassino!”

“Vais morrer na prisão!”

“Morra, morra!”

Diante disso, o homem caiu ajoelhado e chorou, sem dizer nada. Parece que as coisas corriam como Maria e Rosa queriam, era tudo um plano: a reação dele diante de acusação de pessoas conhecidas ajudaria a determinar como ele se sentia em relação ao crime feito por ele. Há criminosos que lamentam, outros riem-se alegres e ainda zombam dos enlutados. Outros simulam sentimentos para serem vítimas de pena das pessoas, porém, o sentimento do Ambriz parece sincero, honesto. Entretanto, o interrogatório ajudará a saber mais.

Ele foi posto numa sala pequena, antes usada como depósito de processos, agora, estando desolada. Os agentes da U.E.I.A. tinham autorização para usá-la como sala de interrogatório, só para aquele caso.

Sentado e algemado numa cadeira metálica, é-lhe dado água. Maria e Rosa conduzem o interrogatório:

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

Rosa põe uma câmara a filmar de frente com o Ambriz, para captar a sua expressão corporal. Ela fica sentada num canto, olhando para ele e o analisando psicologicamente no decorrer do interrogatório.

Portanto, antes das perguntas importantes, Rosa disse a eles que fizessem perguntas leves, do tipo o nome, idade, família, religião..., pois isso ajuda-a a fazer uma avaliação psicológica dele, percebendo a sua expressão facial e corporal quando o suspeito diz a verdade. Então ela dá o sinal.

— Ambriz, porque mataste a sua mulher? — Perguntou Jorge, olhando-o nos olhos.

Com a face abaixada, Ambriz começa a chorar.

— Ambriz — Disse Maria, se pondo em pé junto dele. — Nós queremos ajudar você, por isso cá estamos. Precisamos saber o que se passou, confie em nós! — Se inclinou perto da sua orelha esquerda, sussurrando.

— Ela achava que eu a estava a trair e... — Começou a chorar de novo. — E...e...bem, ela era muito ciumenta... — Soluça, limpando as lágrimas com a roupa que lhe foi dado após ele sair da cela.

— E não estavas a trair ela? — Questionou Jorge, num tom de acusação. — Mataste-a para que ela não dissesse aos vossos pastores e fossem expulsos? — Enquanto dizia, Maria olhou-o nos olhos por ele usar a palavra “Pastor”, pois na verdade era ancião.

Kudi

— Não, não! Nós estamos desassociados. Cometemos imoralidade sexual e tivemos os nossos dois filhos. — Chorou, explicando que a vítima era controladora.

Durante o interrogatório, descobriu-se que Ilda já tentou se matar uma vez durante a gestação da segunda filha, pois ela queria dinheiro para certo fim, contudo, o marido não tinha os meios.

— Ela ameaçou se matar se eu não a desse o dinheiro. — Dizia, chorando. Afirma também que a sua mãe a colocava ideias malucas na cabeça e que incitava problemas entre os dois, por não ser alguém com dinheiro.

Naquele instante, o Oficial Subalterno de Operações E Informações pede licença e chama pela Maria. Estava com alguns papéis na sua mão direita.

— Olá, aqui tem o resultado da autópsia. A perícia ainda não terminou. — Sorriu. — Se precisarem de mais alguma coisa, diga-me, tá?

— Está bem.... Obrigado! — Olhou nos papéis, surpresa, pois presumia que a causa da morte fosse a pancada na cabeça, porém a legista afirma que a vítima morreu por “enforcamento demorado, pois se fosse um leve, só haveria desmaio”. Quem fez isso fê-lo propositadamente. Quanto a pancada na cabeça, segundo a legista “foi tão forte que a poderia ou a deixou confusa ou até mesmo desmaiada por algum tempo”. Esses

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

detalhes ataçam o entendimento das circunstâncias em que se foi cometido o crime. O suspeito estava a dizer a verdade.

Rosa diz que ele estava a ser honesto. O Suspeito afirma que não a matou pois achou ela enforcada, tentou socorrê-la, no entanto, já era tarde demais. A vítima não tinha boa relação com ninguém, se não estava a discutir com o marido, era com a sogra, cunhados ou vizinhos. Maria teorizava que qualquer pessoa poderia ter cometido aquele crime, pois, muitos a odiavam. Jorge olhava para ele como um assassino. Quem estava com a verdade?

Kudi

Capítulo XI

Um erro!

Tudo estava claro. Entretanto, a questão que surgira agora era “porque veio à Angola? Além disso, que idade teria agora? Ainda teria forças para dominar e matar uma pessoa, carrega-la até onde foi achada? ”.

A U.E.I.A já estavam no segundo dia da investigação, todos os pormenores da investigação denominada “matador de famílias” eram transmitidos a Rosa, Maria e Jorge, que foram incumbidos de se concentrar na investigação denominada “matador da parceira”.

Maria conversava sobre a investigação com o Tito. A dúvida e incerteza a fazia se sentir incompetente ao caso. Edna chega perto do Tito e cumprimenta-os.

— A Marta está a ligar para ti, mas não chama. — Disse, sorrindo para Maria. O sorriso servia para apaziguar o facto dela ter interrompido a conversa.

Maria não sorriu de volta. Simplesmente a olhou com atenção enquanto falava.

— Acabamos de descobrir que Ana Maria, a vítima atual, herdou diabetes não identificada por hereditariedade. — Disse Edna, olhando para o seu tablet.

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

— Ela tomava insulina? — Questionou Tito, curioso, tendo rapidamente ouvido o “não” da Edna. Dando atenção ao corpo dela, Tito percebe que ela é arqueada, tem os olhos castanhos, um dos dentes da frente partido e percebe que ela estava mais linda do que a primeira vez que a tivera visto.

— E as outras vítimas? — Questionou Maria.

— Não sabemos ainda! — Sorrindo. Em seguida desligou o ecrã do tablet.

Tito pegou o seu telefone para ligar para Marta e pedir para ela verificar os relatórios das autópsias das vítimas anteriores, procurando indícios de uma doença crónica.

Marta:

“Está bem. Aguarde”

Tito:

“Marta, descubra também de quem é o dedo que achamos na geladeira, por favor”

Marta:

“Certo! ”

Tito terminou a chamada, agora tinham uma nova pista e uma possível ligação para entender o assassino e desvendar o caso.

Kudi

Capítulo XII

De volta à cena do crime

Já era um novo dia, ainda na cama, Jorge imaginava no local do crime.

Desde o início ele sentia que havia alguma coisa estranha, mas o quê? Será que o resultado da perícia ajudá-lo-ia a saber o que o incomoda?

Em menos de uma hora, a viatura policial foi buscá-lo na porta da sua casa. Isso preocupou-o, não era comum isso acontecer. Dando uma olhada no seu telefone, iPhone 7, branco com capa vermelha, escondendo o logotipo da Apple. Ao ligar o ecrã, surpreende-se, rapidamente se levanta da cama e veste às pressas, corre até ao carro sem pôr a camisa, só usando o parte escorno. Maria estava na viatura, um carro preto com vidros pretos. Ao se dirigir ao carro, ele fica pensando por que os carros da polícia são sempre pretos até aos vidros. Sem ver a marca do carro, ele só percebe que é novo.

No interior do carro, almofadas tão confortáveis quanto o puro ar fresco do AC. Dentro da viatura havia duas mulheres: Maria, a motorista e a Rosa, sentada no banco de atrás.

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

Olhando para o Jorge, Maria acelera com intuito do Jorge sentir a suavidade do motor. Fechando a porta, não se ouve o som do motor.

— O que roubaste? — Caçou Jorge, rindo. — Para comprares um carro desse terias no mínimo de.... Sei lá! — Astucioso.

Maria ficou calada, afirmando que o carro era dela. Jorge se admira. Era impossível!

— Não é por mal, né, mas, desculpe! — Duvidava, olhando para o carro, verificou a parte de frente e a parte de trás, onde sentara Rosa. Era um carro de luxo!

— É mesmo dela, Rosa? — Olhou-o com uma expressão facial como que nem no caixão aceitara tal afirmação. A resposta da Rosa não o convenceu e ele começou a dizer que vai investigar. Não podia ser possível. — Afinal de contas, porque me vieram buscar? — Acrescentou, olhando e apalpando o carro.

— Já temos o resultado da perícia. Eu acho que há algo estranho! — Disse Maria, conduzindo com atenção na rua, pois estava em direção à um cruzamento de quatro ruas, há que ter cuidado para não acidentat. — O resultado são esses, debaixo de ti. — Riu.

— Como assim? — Disse, colocando a mão para baixo, onde se sentara. — Nem dizes nada!?— abanando a cabeça dizia, desfolhando.

Kudi

Olhando para os papéis, o carro fica em silêncio por alguns segundos. O seu semblante muda, a dúvida corrói o seu íntimo e fica a imaginar se fora mera coincidência. Jorge não queria acreditar, mas as provas não mentem até houver uma contrariedade plausível.

— Estás a pensar o que eu estou a pensar? —
Questionou Maria, vendo Jorge relendo os papéis.

— Sei lá. Temos de voltar a cena do crime. — Olhou para a Maria, cruzando os olhos por alguns segundos. Ele percebe que ela tem olhos acastanhados e, embora pouco sorri, tem lindos dentes. Com tranças grossas prendidas com elástico, o rosto todo e as suíças ficam à vista. Ele percebe que ela é linda, por isso afasta o seu olhar rapidamente, lembrando que ela era prima do chefe do grupo. Ninguém mais sabia, só a ele foi dito, pois, ele é encarado como um flertador. Para proteger a prima, o responsável da equipe deu-o um arrepio.

Por alguns instantes, o silêncio ainda pairava sobre o carro, ninguém dizia nada, uma a conduzir, outra atrás só olhava pela janela, olhando as pessoas na rua: zungueiras (vendedoras ambulantes); intruções e as confusões nas zonas do Calemba 2, zona maioritariamente habitada por langas (congolenses, natural da RDC). Jorge ainda tentava se convencer do que tivera lido, se era verdade. Ficou pensando se aquela não seria a razão dele achar que havia algo estranho.

“Será que sim? Não? Talvez? Quem sabe?” — pensava, sem dar por conta que já chegaram no local.

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

— O pior é que ainda temos de andar! — Resmungou, notando que as pessoas os olhavam com atenção. Ele achava que era o carro que chamava muita atenção, ao olhar para a Maria que o chamava, logo sorri. — Afinal é isso!? — Murmurou.

Maria e Rosa estavam vestindo os coletes e chapéus de pala com dizeres: U.E.I.A. “Unidade Especial de Investigação Angolana”.

— O carro era da equipe, não meu! — Disse Maria, rindo com a mão direita no seu ombro esquerdo. Mesmo antes de ouvi-lo dizer “Já desconfiava ”, começou a andar entre um monte de lixo na entrada da rua, que parecia uma hipotenusa, pois tinham que descer.

Ao longe da rua, vêm uma viatura policial parada. Havia um agente na viatura, apoiado sobre o assento do carro, com o chapéu tampando a cara para não o condenar que caiu no sono. Tinha a mão sobre a sua barriga grande, rádio de comunicação ligado, roupa suada, talvez por ele ser gordo sentia que o clima estava intenso. Só eram ainda 9 horas, porque dormir?

— Parado, não te mexas! — Gritou Jorge, segurando a mão do agente.

Rosa havia lhe dito para ele não fazer isso, não ouvindo o conselho, se surpreendeu quando o agente no carro, nuns piscares de olho, se desprende das mãos do Jorge e quase derrubou-o com a porta da viatura. Eles riram!

Kudi

— Estás mesmo bem atento, hein! — Riu Jorge, rindo porque algemou o agente muito antes de gritar. O agente na viatura deixara a sua algema a vista.

— Desculpe, senhor, fiz noite e o próximo turno de agentes ainda não está cá! — Riu, tirando as algemas das suas mãos, pois tinha as chaves consigo. — Ainda estamos à espera, senhor! — Acrescentou, vendo-os a irem para a cena do crime. Pegou o seu rádio e informou a Sala de Operações e Informações.

“Câmbio, daqui é o agente FJK, patente 638, na escuta?” — Diz, sentado no assento da viatura.

“Sim, sim, na escuta, câmbio!...”

“Agente reportando a situação... Repito: reportando a situação... Câmbio!”

“Agente JFK, quem fala é o teu oficial... Prossiga... Qual é a situação!?”

“Os investigadores acabam de chegar... Repito: Investigadores no local!... Câmbio...” — olhando para as horas, o relógio marcava 9h:37 minutos, aproveitou o momento para solicitar substituição de turno.

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

Capítulo XIII

Será um discípulo?

As investigações traziam mais dúvidas que respostas, cada detalhe podia trazer um detalhe sobre o assassino. Até naquele momento, tudo que se sabia era que, por alguma razão ele ficou anos sem matar, pelo menos sem usar a sua assinatura. Se calhar tinha mais vítimas, ou não. Não se podia saber. Então, dois factos dão avanços significativos na investigação. Um facto em que Tito e a Edna se concentravam era a idade do criminoso.

Em 1979, após as primeiras vítimas, os investigadores estimavam que tivesse perto dos 30 anos de idade. Edna estava pensando nisso. Pesquisando sobre o estado de alguém nessa idade, teria forças para imobilizar e dominar uma jovem mulher? Ou ficava de tocaia, esperando apanhar as vítimas de surpresa?

Germana bate à porta. Ela a vê sorrindo, amável, com duas chávenas de café expresso. Mesmo antes de receber, o gostoso cheiro dócil chegava ao seu olfato, criando um grande desejo de tomar o café. Tendo-o na mão, agradeceu. Ao aproximar a chávena na boca sentiu também o cheiro de leite. Ela não gostava de café com leite, então fingiu dar um gole: pondo apenas os lábios no vidro da chávena.

Aproveitando a ocasião, Edna mencionou a questão sobre a idade do assassino.

Kudi

— De lá para cá passaram quanto tempo? — Perguntou retoricamente, olhando para Germana que estava apoiada no lado direito da porta, tomando o café com tanto gosto. — Sim, sim! Ele teria uns 70 anos ou mais! — Assente Edna, olhando para a mensagem que acabava de chegar no seu tablet. Em seguida, se levanta da cadeira. — Precisamos ir.

— Não esqueça do café! — Lembra Germana, olhando para a mesa da Edna.

— Éh! Carambas! Obrigada de novo pelo café... — Riu.

— Se fosse caveneno... não o terias esquecido, pois não? — Disse Germana, sorrindo e passando a mão esquerda na cabeça, alisando o cabelo de frente p'ra trás.

Olhando para ela, não entendeu o que ela queria dizer por isso, apenas sorriu, andando e conversando com ela.

— Germana, você e o Tito...? — Fez um gesto indicando que se referia a dormir juntos. Germana riu.

— Achas...!? — Riu. — Nem nos sonhos! — Revirou os olhos, puxando para cima a calça jeans feminina de cor vermelha que estava a usar. A calça não a apertava, porém, puxar indica que a pessoa está a se endireitar, indica vaidade. E Germana era toda vaidosa.

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

A diante, Tito olhava para elas vindo. Tinha papéis nas mãos, naquele dia vestia um fato social. De fato social, ele ficava chique, formoso ao usar o seu perfume dócil.

— Então, como vão? — Olhando nos papéis na sua mão. — Marta e Luquênia descobriram que o dedo no local do crime tem a mesma composição genética que o sangue na blusa da vítima. — Deu-as uns papéis.

— Então a verdadeira mãe da Ana Maria sempre esteve perto dela? Porque ele cortaria o dedo dela? — Diz Germana.

— Como ele dominaria duas pessoas? A essa altura deve ter uns 70 e tal anos de idade. — Exalta a dúvida da Edna. — Ele precisaria de muita força, principalmente para partir a faca dentro do abdômen. Precisaria de conhecimento sobre o assunto, não acham? — Sugere Edna, deixando Tito pensativo.

— E se ele estiver ligado a área de medicina, talvez um médico ou enfermeiro? — Diz Germana.

— Pode haver o caso dele ter um cúmplice ... ou pior! — Diz Tito. — Pior ainda, era se fosse um discípulo! — Concluiu.

Então, já se sabia muito sobre o assassino, porém, ainda se precisava de mais. Sabia-se que: o assassino era um homem inteligente, pois não deixava provas; podia passar despercebido, pois matou pessoas em três países e, provavelmente a sua presença não gerou desconfiança. Ele matava como se estivesse a praticar um ritual, mas qual? Devia ter uns 70 e poucos anos, então se já tiver debilidades pela idade, teria um discípulo.

Kudi

— Geralmente os assassinos em série tendem a ter um discípulo para dar continuidade do seu legado, como se fosse uma missão para eles. Eles estampam nas suas mentes que as outras pessoas são doentes e que ele é o único que as pode salvar. — Explica Edna.

— E qual é a missão desse assassino? — Questionou-a Germana.

— É isso que precisamos descobrir. Se soubermos qual é a missão dele, saberemos quem ele é! — Concluíram.

A missão desse assassino escondido na sociedade angolana era a chave para se saber quem ele é. A chave para impedir mais mortes.

Capítulo XIV

Não foi aqui!

A dúvida se instalava na mente da Maria, do Jorge e da Rosa. A legista acabara de ligar para eles, informando que a pancada na cabeça mesmo não sendo a causa da morte, podia ajudar na investigação, pois havia vestígios de metal duro e cimento.

Dentro da cena do crime, podia se ouvir os agentes policiais no exterior conversando, reclamando sobre o atraso na troca de turno. Porém, isso não os impediu de se concentrarem no local do crime.

Segundo a legista, a vítima sangrou, perdendo sangue pela pancada no lombo esquerdo, porém, a perícia não achou nenhum vestígios de sangue no local. Não havia também a arma do crime.

— O Ambriz estava agitado... teria ele tempo de se livrar da arma? — Diz Rosa. — Eu acho que não. Até porque ele levou-a ao Posto Médico para ser socorrida. — conclui Rosa, lembrando do interrogatório.

— Eu acho que sei o que realmente se passou aqui! — afirma Jorge. — O Ambriz disse que fez turno, que chegou depois das madrugadas, não é? — Questionou, estando perto da cama, olhando para baixo, nas caixas de refrigerante.

Kudi

— Isso dá um álibi para ele, pois segundo a legista, a morte ocorreu entre 20h e 23 horas da noite. — Explica Maria, verificando os papéis. — Será possível...? — Argumenta, séria e com o rosto melancólico.

— É isso o que parece! — Disse Rosa, interrompendo a Maria. Eles não queriam acreditar, mas era o que parecia, não havia dúvidas nenhuma.

Embora relutantes, eles sabiam que tinham de seguir as pistas e, pelo que achavam, o local onde ela sofreu uma pancada ajudaria a entender melhor a natureza do crime. Tanto é que eles se perguntavam:

“Que tipo de objeto contém ferro reforçado e cimento que pudessem ser usados pelo assassino?”

Observando, Jorge percebe um outro pormenor: o quarto só tinha uns 4 metros, ou seja, 3.87 metros de altura, exatamente. A vítima só tinha 1.45 metros, que quer dizer que “mesmo se ela subisse por cima da cama, não chegaria em cima para amarrar a corda sozinha”

— O Ambriz só tinha 1.50 metros. Para ele chegar até cima precisaria de algo alto, como uma cadeira ou escada. — Disse Jorge, olhando ao redor e dando uma olhada ao relatório da perícia.

— Não há nada que indique que foi usado como apoio de subida. — Disse Maria. — Quem fez isso deve ser alto, talvez uns 1.60 ou 1.70 metros. — Concluiu.

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

— Pois é, com a cama ele teria a altura suficiente para amarrar e pôr a vítima nela. — Assente Rosa.

Sem esquecer de concluir o primeiro parecer, sobre o local do crime, Maria diz:

— O facto de não haver nada que indique ser a arma do crime e o facto de não haver sangue no local do crime, nem mesmo nas mobílias e lençóis, indica que ela não foi espancada aqui! — olhou para o Jorge. Ela percebe que ele está diferente, pele mais clara, calmo e tranquilo. Geralmente ele é chato, tão chato quanto o seu primo que a chamava sempre que a via com um homem, pois, também atrofiava todos os que tentavam simpatizar com ela.

— Mobílias? — Riu Jorge, com desdém. — Isso é porcaria... sobra...lixo! — Riu, apontando para as “mobílias”.

— Pare com isso! — chateou-se Rosa. — Não é assim que vais tratar as coisas das pessoas, não é? — Se aproximou dele, pois ele ria. Tão séria, ela ficou de frente, a um passo de diferença. Ela não gostava de quem maltratasse os necessitados. Nem todos tinham as mesmas condições e, ela mesma, não cresceu numa família de alta estatura social. Ela cresceu nos guetos, perto do lixo, na miséria. Seus pais eram miseráveis vendedores, pois nem sempre tinham dinheiro para o jantar, não tomavam o pequeno almoço. Só comiam quando houvesse o que comer. Lembrando em tudo o que ela era e tinha, agradece ao seu primo, pois ele a salvou.

Kudi

No lado de fora, ouve-se os agentes de segurança a falarem com alguém. Estavam a expulsa-la.

“Vá embora páh! ”

“Mas... Eu... Por...”

“Vai embora! Saía já! ”

— Vou ir ver o que é! — Disse Maria, andando às pressas.

Ao sair, indo para o quintal, vê a casa da mãe do Ambriz. Estava fechada. Então começou a pensar:

“Por que a perícia não analisou aquele local? Onde está a mãe do Ambriz? ”

Em seguida, deu um sinal aos policiais para se aproximarem.

— Olá, bom dia. Eu sou a investigadora Maria Melícia...
— Apresentou-se, estendendo a mão direita, se inclinando levemente, em sinal de respeito ao cumprimento à um mais velho. — Como posso ajudar? — Acrescentou após ouvir o nome da senhora Mila.

— Arrah mama we! — Admirou-se.

Maria não soube se admirara pelo respeito cumprimento, pois, os policiaes foram mal-educados, ou pelo crime, que muitos ainda não tinham acreditado. Apesar disso, ela sorri.

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

— Nué possivê... O Ambije é meu sobrinho! Vi ele a crescer desde a barriga! Ela nunca mataria ninguém! — riu.

— E quanto a Ilda, como era? — questiona, fixando a atenção e observando a expressão facial da senhora.

— Réh wa wa wa! Mana deixa só ya! Aquela miúda!? Réh! — bateu na coxa com leviana força, porém, isso não deixou de chamar atenção dalgumas crianças, que porém, foram falar aos seus pais. A senhora Mila não consegue falar baixo.

— Aquela miúda tinha problemas com todos! Discutia com todos! — acrescentou, olhando uma Senhora, na rua, vindo na sua direção.

“É veudade! Pura veudade! ” — gritou uma senhora de pano da Promaica, lenço azul e vestido cumprido que se podia ver apesar dos panos.

“Aquela miúda não prestava nem um pouco! ”

“Trouxe só azar para o filho alheio... Ambriz o bom rapaz! ” — diziam algumas moças, se aproximando.

Tentado apaziguar as mulheres perto de si, pede que mandem as crianças para casa. Os dois agentes a sua trás se aproxima, com voz autoridade. Enxotando as crianças. Elas corriam cá e acolá, mantendo e olhando a distância.

— Com quem ela teve mais desentendimento? — disse, olhando para o rosto de uma das senhoras, baixinha e de cor

Kudi

negra. Estava de blusa preta, tecido fino, sem sutiã e uma saia creme, lenço azulado na cabeça.

— Bem... A pessoas com ela mais discutia era o... — ficou em dúvida, pensando em voz alta. — ya ya... Era o cunhado dela... Sem falar da sogra... — acrescenta, garantindo que discutiam vezes sem contar. A sogra e o cunhado da vítima viviam na casa ao lado, no mesmo quintal. Exatamente na casa onde os peritos não fizeram análise perita.

— E onde ela está? A casa está fechada! — questiona, com dúvida.

— Réh... Não sei... faz dias que não a vejo. Ela até me deve 10 mil... Tem de me pagar! — bate nas conchas uma das mulheres, de calca jeans azul clara, blusa de tecido africano, mistura de preto, vermelho e verde, de mangas longas e um lenço tão bem amarrado na cabeça.

“Se calhar fugiu com o filho...” — diziam algumas mulheres, murmurando entre si, culpando a Ilda. Ela tinha problemas com todo o mundo.

Tudo parecia se encaixar. Eles de início presumiram que ela se havia matado. As marcas no pescoço e a falta de sangue no local do crime davam a entender que ela se havia matado. Por outro lado, nunca houve índice de que o Ambriz era o assassino. Embora o Jorge achava isso por ele a ter levado no posto médico, a falta de prova e a sua rápida ida a esquadra mostravam que ele era culpado. Ambriz não tinha antecedentes criminais, nem atitudes criminais ou violentas. Era sereno e calmo. Nunca

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

houve quem falasse contra ele. Ao contrário, todos falavam mal da Ilda, pois embora a família dela dizia que ela era boa pessoa, as provas e as muitas pessoas indicavam que a Ilda era compulsiva, controladora e, quando quisesse algo, fazia tudo o que queria. Segundo o interrogatório ao Ambriz, ela já havia ameaçado tirar a própria vida.

Jorge achava que o Ambriz era culpado, e, decerto, era o que as provas indicavam. Nesse contexto, na tentativa de classificar o nível de culpabilidade do suspeito, continuaram a investigar. E até agora descobriram que, pelos vistos, a Ilda foi morta noutra sítio e posta no quarto. Parecia que foi uma armadilha.

— Ou simplesmente queriam que o Ambriz visse ela morta, na corda e achasse que ela se enforcou? — disse Rosa, dentro do carro, estavam de regresso a esquadra local.

— Se for o caso, as coisas saíram do controlo. As pessoas acharam que a matou. — acrescenta Maria, conduzindo. Lembrou também que já pediu a polícia que localizasse o irmão e a mãe do Ambriz. Jorge pediu que a perícia da polícia vá de novo ao local do crime e que fizesse uma nova análise, dessa vez no quintal e na casa ao lado, casa da mãe do Ambriz. Se encontrassem o local do crime, se calhar, iriam resolver o caso. Esse caso já havia tomado várias direções, todas levando novamente a outra trilha. Entrevistar a mãe e o irmão do Ambriz poderia dar algum avanço a investigação? Seriam eles suspeitos?

Kudi

Capítulo XV

A missão...

Já era a hora do almoço. Sentado no restaurante da Maxi, no Zango 1, vêm todos os que entram pela porta, escolhem um lugar e se sentam. Pessoas brancas, negras, morenas e até entrou um casal asiático. Pelos vidros afora, vê os carros encostados, pessoas sentadas do outro lado da estrada e vários motos taxistas passam com suas passageiras, uns com um passageiro e poucos com dois ao mesmo tempo. Na mesa há uma caixa de pizza, com duas fatias a menos, dois pacotes enlatados de sumo, suas credenciais e a carteira.

Comendo a terceira fatia da pizza, o telefone toca e a música do Scrô que Cuia, Batatinha Frita, chama a atenção das pessoas. Ao olhar no ecrã, surpreende-se.

— Quem morreu? — questiona Tito, mastigando a pizza. Isso não era comum. Marta nunca ligava na hora do almoço, ela odiava quem interrompe uma boa refeição da tarde.

Marta:

“Podes falar? ”

Tito:

“Sim, é sobre o caso? ”

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

Percebendo que algumas pessoas olham-no. Por isso, se levanta e vai até ao seu carro de frente com o restaurante. A chamada foi posta em conferência com Germana e Edna.

Marta:

“Eu e Luquênia fizemos um ótimo trabalho! Somos as melhores! ”

Germana:

“Vá lá nos conte! ”

Marta:

“A Luquênia comparou as informações genéticas com as das outras vítimas. A Interpol nos enviou os dados sobre as vítimas, apesar disso, não foi fácil! Com a ajuda de uma ótima Engenheira Bioquímica conseguimos montar e descobrir o que realmente liga essas vítimas”

Germana:

“Não é o diabetes que as une? ”

Marta:

“Sim, sim... Todas elas herdaram a diabetes. Ainda não estava em ascensão, porém, além disso, há mais algo que as liga”

Nesse instante, Tito lembra que deixou a caixa da pizza e as garrafas enlatadas de sumo sumol na mesa, dentro do restaurante. Mesmo assim, prestava atenção ao que Marta dizia.

Marta:

Kudi

“Todas as vítimas têm um nível de parentesco! O nível de parentesco mostra que devem ser irmãos ou primos, sei lá, entre esses dois”

Edna:

“E, compraram o DNA da mãe da vítima com a do sangue e o dedo?” — questiona, mas a resposta foi não.

Tito:

“Todas as pessoas eram doentes, ele o sabia! Como?” — olhando para o outro lado do carro onde dois moto taxistas discutem por quase terem feito um acidente. Um dava a culpa no outro, com ofensas e lamúrias.

Germana:

“E se, ele for parente delas? Isso explicaria a aproximação dele, e que ele conhecia as pessoas e a doença”

Tito:

“Percebam bem que ele só mata os que têm diabetes. E se essa for a missão dele? Pensem bem: todas elas eram familiares, mesmo se saberem. Porém ele sabia do parentesco e da doença que ainda não se havia manifestado. A todos os que dá positivo ele mata. Será que ele tem a missão de livrar as vítimas do sofrimento que a diabetes traz?” — sugere, pensando na pizza que deixou no restaurante.

Edna:

“Mas qual a ligação entre a vítima e as vítimas?”

Marta:

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

“Talvez seja o parentesco, não é? ” — diz Marta, pensativa. Geralmente ela não falava nada, só olhava e ria. Não gostava de especular ou teorizar sobre os crimes, pois ela dizia que: “Isso é para criminólogos, não analistas! ”.

Rosa:

“Ele deve ver a doença como uma praga e que ele é a cura. Para ele os outros devem ser amaldiçoados, por isso, ele os livra do sofrimento da diabetes”

Rosa é psicóloga criminal, por isso, participava de todas as investigações. Ela classifica o assassino como justiceiro, um sádico que finge estar a ajudar, porém, no fundo do quer satisfazer a sua ânsia de ver a vítima morrer pouco a pouco, com o objeto contundente no abdômen. Gosta de vê-las sentir a agonia, a dor, o pedido por socorro. Pede que Tito e Marta pesquisassem por pessoas estrangeiras, residentes em Angola, vindas de um país da Europa, com aproximadamente 70 anos, sem filhos, que sempre viaja.

Germana:

“Ele deve estar ligado a saúde de alguma forma! A essa altura está de licença, aposentado ou na área administrativa”

Tito:

“Epáh... Vai levar tempo...”

A procura por esse homem consiste na ideia de que ele está a matar os parentes para não herdarem uma doença vista como praga por ele. Não desejava que eles sofressem com ele,

Kudi

ou como alguém perto a ele. Porém, ele pelo desejo sádico dele, devia ter mais vítimas. O que o satisfaz é ver a vítima sofrer na agonia da hemorragia. Também cortar os pulsos fá-lo sentir-se satisfeito!

Rosa:

“Sem dúvida, ele é um psicopata! ”

Capítulo XVI

Afinal é aqui!

Havia necessidade de voltar ao local do crime de novo, pela terceira vez. Eles foram chamados, porém, só Maria e Jorge foram. A perícia fez uma análise na casa da mãe do Ambriz e descobriu uma coisa que iria dar mais um rumo a investigação.

Em poucos minutos, chegaram lá. Andaram novamente até ao local do crime, deixando o carro onde haviam deixado antes. As pessoas estavam confusas, querendo saber porque iam e viam sempre ao local do crime.

“Toda hora? É o quê então? Já não prenderam o assassino?” — Diziam, mas não faziam ideia do que se estava a passar, para eles o importante é prender alguém como culpado, porém, para os investigadores, as coisas são mais complexas do que imaginam. Alguém não é considerado culpado só porque declara-se culpado, tem de se ver as evidências contra ou a favor deste. E mesmo se for culpado, precisa se investigar qual é o grau de culpabilidade, descobrindo o tipo de vítima. No caso do Ambriz, houve várias teses, porém, surgia casa vez mais variantes levando a uma direção oposta.

Naquele instante, a esperança era achar o local do crime para se saber e ter cláusulas do suposto criminoso. Embora a

Kudi

polícia tentava localizar a mãe e o irmão do Ambriz, eles não os podiam considerar suspeitos por não haver provas contra eles. Não havia suspeito nenhum, segunda às provas.

Recebidos pela responsável da perícia, uma nova equipe estava encarregada de fazer a perícia de toda a casa, incluindo o quintal e a casa da mãe do Ambriz. Antes de terminar, deu uma notícia interessante.

— Achamos a arma do crime! — Disse a responsável pela perícia, com a voz baixa e fina, suave e branda. Parecia uma jovem insegura, ao ponto de levar Maria a pensar que ela fosse apenas uma perita da equipe.

— Onde está? O que é? — Questiona Maria, andando em direção a casa do Ambriz, no quintal. Ela vê homens e mulheres fotografando e recolhendo objetos estranhos do interior da casa.

— Não vais acreditar! — Riu a responsável, entrando pela casa da mãe do Ambriz. — A arma do crime é a casa toda, particularmente essa zona da sala! — Ficou a meio da sala, chamando-os e pedindo que um dos peritos fechasse a porta.

— Então, a arma é a escuridão da sala, né? — Riu Jorge, espirrando por causa da poeira.

— Espere! — Ela pegou uma lâmpada infravermelha, de luz azul. Diante disso, vê-se marcas em vários cantos das paredes, alguns salpicos no chão, gotejando até a porta.

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

— Carambas! — Disse Maria, sorrindo. — És muito boa, hein! — Olhando para ela.

— Na verdade, somos muito bons. Somos uma equipe!
— Respondeu, deixando-a pasma pela sua humildade.

— Parecem marcas de sangue! — Se aproximou numa das manchas — Devem ter batido com a cabeça dela aqui! — Concluiu Jorge.

Em seguida pediram que se tirasse amostras de todas as manchas e comparassem com o cimento achado no ferimento da vítima. Além disso, faltava um outro fator: “E o metal? Há índices de metal no ferimento”.

A jovem se aproximou deles e disse:

— Olhem aí na porta? Também tem uma mancha de sangue! — Apontou.

Agora tudo fazia sentido. Ela foi morta na casa da sogra, no mesmo quintal. Deve ter havido um desenvolvimento: partiram para a luta, ou ela foi pega de surpresa e tentou revidar, como consequência, foi espancada brutalmente. A suspeita caiu sobre os familiares do Ambriz, mas eles estavam desaparecidos desde a morte de Ilda, só o Ambriz poderia dizer aonde eles estavam.

Kudi

Capítulo XVII

São muitos nomes

Tito estava conduzindo de regresso à Unidade Central da U.E.I.A, no Zango cinco mil.

No caminho, recebeu uma ligação da Marta que ligou para saber sobre a lista de pessoas estrangeiras. A ligação de Marta o fez pensar mais sobre o caso. Havia estudado tanto para ser um investigador e, agora que é, nem estava conseguindo achar a solução para saber do paradeiro de um assassino. Pensar nisso deixava-o melancólico.

“São muitos nomes! ” — Recita a resposta de Marta na sua mente. Não seria fácil achar alguém que batesse com o perfil que procuravam.

“Porque ele sempre dá uma pausa após matar? Será que ele vai mudar de residência? ” — Pensava. Achando também que a resposta estava bem perto de si, mas aonde? Como achá-la e com quem estava?

“Presumivelmente, deve ter um cúmplice ou discípulo. Isso era preocupante, mas bom, pois o aprendiz, se calhar, viria a matar alguém e cometer um erro. Caso não cometa erros, como nesse caso, presumivelmente, está a ser treinado a anos. Podia ser o filho dele? Neto? Sobrinho? ” — Pensava Tito. Em seguida, pegou o telefone e ligou para Marta.

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

Marta:

“Olá, não achei mais nada! ” — Gritando, sorrindo e teclando no computador, impaciente e chateada por não achar nada interessante.

Tito:

“Envie o relatório da autópsia e da perícia”

Marta:

“É para já” — Terminando a chamada.

Marta enviou o relatório da autópsia e da perícia ao Tito. Depois ele ficou analisando.

Minutos depois, algo chamou a sua atenção. Além do objeto estranho no local do crime, uma vizinha mencionou que alguém foi a casa da Ana Maria na sexta-feira, de manhã. A vítima estava de saída, mas deixou aquele indivíduo entrar. Além disso, havia uma impressão digital num dos copos na louça suja. Não se sabia a identidade da digital.

“Como ninguém viu isso? ” — Pensou, estranhando e revirando os olhos.

Querendo uma resposta, fez o retorno com a sirene ligada. A resposta a essa pergunta seria crucial para a investigação? Não sabia, pois, a dúvida e um pressentimento o atolavam a mente. A mulher que deu aquele depoimento devia

Kudi

ser interrogada novamente. O número da casa foi-lhe enviado pela Marta.

Tito já estava perto do condomínio. Passando pelas ruas, via lojas e pequenos centros recreativos, com crianças a brincar. Algumas crianças estavam sentadas de frente a escola, esperando alguém, talvez o pai ou a mãe. Outras crianças andavam à pé, passando pelas passadeiras após olharem pelos dois lados, pegando as suas mochilas, outras com o cantil ou lancheiras nas mãos. Os jardineiros, os da equipe da limpeza, eletricitas nos postes de iluminação pública e empregadas com sacos e batas de trabalho, eram cumprimentados com um lindo sorriso contagiante. Diante desse cenário, um carro com sirenes passa, chamando a atenção de todos, até as crianças olhavam para saber o que é.

Tito parou o carro em frente ao prédio onde estava a residência da vítima. A admiração tomou conta das pessoas ao verem uma só pessoa descer: um homem de altura média, magro, calça jeans preta e camisa amarela, com um colete da U.E.I.A. por cima. Dava para se ver as algemas, a arma no lado oposto, direita.

Por baixo, na recepção, pediu informações sobre a senhora que deu o depoimento.

— Essa só pode ser a dona Carlota, vive no mesmo andar... — Disse a recepcionista, com um lindo sorriso. Continuando, explica que dona Carlota sabia de quase tudo

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

daquele andar. Era como uma águia, nada a escapa de vista ou de ouvidos. Se ela diz que viu, decerto viu mesmo.

Minutos depois, saindo do elevador, olhou para a porta onde vivia Ana Maria Gonçalves. Cumprimenta os dois agentes de sentinela na porta, sentados em uma cadeira larga no meio do corredor.

— Como vão as coisas aqui? — Pergunta, de frente com eles. — Alguém a veio procurar? — Questiona sem fôlego.

“Está tudo calmo, senhor. Ninguém a procurou! ” — responderam. Fizeram a questão de descrever a vizinhança: são muito simpáticos e generosos. Ora um lindo bom dia, ora um chá ou biscoitos para dar-lhes boa motivação. Havia cadeira larga no meio do corredor.

Sorrindo, abana a cabeça e vai em direção a porta da dona Carlota, na sexta porta do corredor, no lado direito. Bate com boas maneiras e de dentro ouve uma voz a dizer-lhe:

“Já venho!”

A aparência da mulher que abre a porta surpreende-o. A face e a estrutura física não se adequavam ao termo "dona Carlota". Ela é jovem de mais, se calhar uns 20 anos. É baixa, escura, de cabelos cacheados, calção curto e uma blusa com barriga afora. Confuso, fica parado por alguns segundos, reparando ela e admirando-se.

Kudi

— Boa tarde. Alguma coisa? — Questiona a mulher, de vistas ao telefone.

— Sim... Bem... — Tossiu falsamente — a senhora deu um depoimento, dizendo que... — Foi interrompido. A interrupção segue-se de uma notícia que o deixa meio aliviado.

— Senhora... eu? — Riu — Deves estar a falar da minha mãe! — Deu uma gargalhada, chamando pela sua mãe. Ela vinha com longos passos, de óculos, pele enrugada, cabelos brancos prendidos, com uma vassoura na mão, pois estava a varrer a sala e a cozinha após o almoço.

— Sim... alguma coisa senhor? — Disse ela, chegando a porta, logo após a sua filha sair, deixando espaço. Ficou junto da porta, apoiada sobre a parede.

— Sim... A senhora disse que viu alguém entrando na casa da Ana Maria Dias, antes dela morrer...? — Pergunta, engolindo seco.

— Sim... Vi, sim... — Respondeu, olhando para os dois lados do corredor.

— E como ela era? — Pega a caneta.

— Era alta, mais alta que a minha filha... és solteiro? — Diz, olhando para a sua filha e tocando a mão do Tito, logo após olha-o nos olhos, sem esperar a resposta. — A minha filha se chama Emiliana e é solteira... — Acrescentou.

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

— Senhora, acho que há um equívoco... estou aqui por causa da investigação, não pela sua... — Tossiu, uma, duas, três vezes.

— Se o senhor não me prometer que vai sair com a minha filha não direi nada... — Disse, entrando pela porta, pronta a fechar. Isso fê-lo pensar. Não podia perder a oportunidade de uma pista que, se calhar seria a base de achar o assassino.

“Epáh, será apenas um jantar! ” — Pensou consigo mesmo.

— Está bem! Prometo que saio com ela!

— Ela não, Emiliana sim... Entre e marquem o dia e o local do encontro... — Disse a mulher, empurrando-o para dentro. Não conseguiu negar, afinal, ele queria a informação. Ficou dentro por uma hora.

Os agentes da polícia no corredor riam dele, sabendo que foi encurralado. Cochichavam e chegaram de comentar que o convenceram a fazer sexo. Tito saiu às pressas e foi ter com os policiais.

— Essa conversa não deve sair daqui! Não digam a ninguém! — Disse, num tom rígido e sério, andando até ao elevador com o telefone ao ouvido.

Tito:

Kudi

“Estou sim, Marta! ” — Diz, com ar triste e angustiado. “Preciso que compares a digital achada na cena do crime com a digital da pessoa que eu te vou dizer. Envio o nome pela mensagem...”

Tito, pensativo decidiu voltar à cena do crime. Ficou revendo as fotos que os peritos fizeram – Vendo se cada coisa estava no seu devido lugar. Novamente, uma imagem chama a sua atenção: o livro por cima da estante. Pegou ele e começou a desfolha-lo e dá pela falta de quatro folhas.

“Quem rasgou essas folhas e porquê? ” — Pensou Tito, analisando a casa de novo.

Marta liga para ele naquele momento e lhe dá uma notícia que o faz correr as pressas. O que ele temia aconteceu.

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

Capítulo XVIII

Operação conjunta

Ambriz estava novamente na sala de interrogatório, a infelicidade fá-lo chorar.

— Ambriz, tudo aponta para a tua mãe e o teu irmão, ou mesmo os dois devem estar envolvidos como os autores do crime. — Disse Jorge. — Onde é que eles se esconderiam? — Acrescenta.

Volvido na descrença da notícia, repassa antigas memórias de sua mãe e irmão conflitarem entre si, por vezes, sem plausível razão. Sobre a última rixa, lembra que houve ameaças e fortes trocas de palavras. Anteriormente, já houve outras discussões, mais a última e sem esquecer da penúltima, foi muito mais chocante.

Essa discussão foi a pouco mais de duas semanas, tendo como resultado: olhadas e mais olhadas; insultos; endireitas... Lembranças essas que desviam o rio de lágrimas, jorrando sobre o seu febril e cabisbaixo rosto. Erguendo a cabeça apoiada sobre a mesa, conta o sucedido, limpando as infinitas lágrimas, acompanhada de soluços que o fazem ter sede e beber da água no copo sobre a mesa. O puzzle estava montado, porém, se tivessem achado digitais o caso seria se calhar, mais curto, seria só determinar os suspeitos e comparar as digitais, porém, as coisas não foram assim, um corpo, duas teorias sobre a morte,

Kudi

homicídio ou suicídio, um suspeito e o marido. O resultado da primeira perícia trouxe mais dúvidas: a vítima morreu por traumatismo craniano, por várias batidas na cabeça, não havia sinal da arma do crime, que segundo os vestígios no ferimento, era alguma coisa de metal enferrujado e cimento.

Outro facto, era a altura e a força da pessoa que pôs o corpo da vítima na corda, fê-lo para simular que Ilda se suicidou, porém, as coisas não foram como planeadas. Tendo tudo isso em mente, pediram que ele fizesse uma lista de todos os presumíveis lugares que sua mãe e irmão terão ido: familiares, amigos, antigos vizinhos e tantos outros lugares.

Depois de uma hora a lista foi dada aos agentes da U.E.I.A, mas a lista não era pequena. Tinha vários endereços: município de Viana, Cacuaco, Icolo e Bengo e Talatona, só em Luanda. Sem falar de propriedades em terras e residência na província de Malanje. Com a lista em mãos, a dúvida os surpreendeu.

— Se irmos de casa em casa, levantaríamos uma poeira e os alertaria de alguma forma, dando-os tempo para fugirem. A solução é fazermos uma operação conjunta e ao mesmo tempo!
— Disse Tito, reunido com o Comandante-Geral da Polícia.

— Investigador Tito, qual é o vosso plano? — Pergunta o Comandante, apoiado sobre a confortável cadeira do seu escritório.

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

— Senhor, o plano é o seguinte... — Explica, sendo que o comandante abanava a cabeça à medida que o ouvia.

— Ótimo plano! — Disse, revirando os olhos, a procura de um “mas”. — Porque não investigam o local por um tempo e depois vão avante!/? — Apalpa a barriga grande.

— Senhor, isso levaria dias e meses. Seria um esgotamento para as forças de segurança e represálias monetárias para o Estado! — Argumentou, surpreendendo o Comandante. — O objetivo da U.E.I.A. é resolver casos com eficácia e rapidez. — Acrescentou, mergulhando nas lembranças de um dos casos que participou, de um português morto em via pública, na Ilha de Luanda. Em apenas duas horas, o caso foi resolvido e o criminoso foi preso.

— Está bem. Coordenem com a Sala de Operações e Informações do Comando Municipal, façam um bom trabalho e não desonrem a PNA. — Disse, levantando e se despedindo de Tito, após receber um recado da sua secretária. — Bom trabalho!

— Desejo o mesmo para o senhor — Disse Tito, saindo do Gabinete do Comandante.

Foi ter uma Comunicação com o Comando Provincial. Tudo já estava pronto em pouco tempo. Cada comando, juntos das esquadras locais, fariam uma busca nas casas sob a lista. Se faria toda operação no mesmo tempo, incluindo os serviços de viação e trânsito estariam atentos às principais paragens de autocarro e pontos usados para travessia da fronteira. O caminho de ferro foi

Kudi

vigiado, pois dava acesso a Catete onde era mais fácil ir à Malanje. Foram postos agentes policiais nas vias de acesso às províncias do Kwanza Sul, Kwanza Norte, Bengo, Malanje e nas embarcações no mar. Todos com as fotos dos suspeitos. Qualquer sinal deles resultaria em captura imediata.

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

Capítulo XIX

Infelizmente... O quê?

Tito estava de volta a U.E.I.A, no Zango cinco mil, perto do fim do dia, ficou pensativo e distraído na ideia de enlaçar o suposto suspeito numa trama. O seu objetivo era achar um plano. Um ótimo plano, deixando todos no ridículo.

Guiado pela ansiedade, aguardava os resultados da comparação da impressão digital, que provavelmente só se teria em mãos no dia seguinte.

A companhia da equipe o deixou mais calmo. Conversas e mais conversas o levaram a esquecer o tempo, mas lá no fundo, pensava na ideia de que um dos seus colegas envolvidos na investigação poderia ser ou estar envolvidos com o assassinato. De acordo com o depoimento da senhora: “ a mulher era bonita e usava óculos... tinha uma pele clara, pinta escura no rosto e arqueada... partidura nos dentes... achei que fosse da polícia...”. A sua desconfiança aumentava à medida que pensava no assunto. Ele não queria prender alguém da sua equipe de forma vergonhosa, por isso, um plano faria com que a suspeita ficasse encurralada.

Deitado na cama, o tormento desse pensamento o incomodava.

Kudi

“Se a digital der positivo, ela será a suspeita primordial, a suposta 'discípula' do colecionador de dedos...” — Pensou Tito.

Era dessa forma que a imprensa o chamava, imitando o famoso caso do "COLECIONADOR DE OSSOS". Nos anos 90, após as suas primeiras vítimas nos E.U.A, os jornais os chamavam de colecionador de dedos. A razão era que os investigadores nunca descobriram de onde vinha os dedos. Presumiam que ele matava e retirava os dedos de vítimas não achadas, ou ia aos cemitérios ou morgues, amputando os cadáveres para usar os dedos nos seus assassínios.

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

Capítulo XX

Achamos eles!

A Sala de Operações do Comando Provincial de Luanda estava em alerta, atenta a comunicação com as patrulhas de proximidade do território das Esquadras. Viaturas policiais passavam pelas estradas, chamando a atenção das pessoas, pelas pedonais, onde as pessoas vendem, o que é inapropriado para a boa imagem da via pública, concentraram-se agentes policiais, mantendo o sossego e a paz. Como resultado, as vendedoras ambulantes correm de um lado para o outro com os negócios na cabeça, dando muxoxos aos policiais, ofendendo e correndo. Umas até correram até ao meio da estrada, pois alguns olhando para aquilo, faziam comentários exorbitantes.

Enquanto isso, o telefone da Maria toca. Um número estranho em linha, então ela descarta. Ignorou na primeira, segunda e terceira vez, mas na quarta vez teve de atender para saber quem era, pois nãoa parava de incomodar. Logo que atende, uma voz familiar é ouvida.

“Alô, quem fala é a jovem da perícia!” — Disse, sem fôlego e percebe-se a melancolia na sua voz. Maria sorriu e se desculpou pela demora, pois não gosta quando a ligam por um número estranho.

Jovem da perícia:

Kudi

“Ah, okey, sem problemas! ” — Disse a perita, espirando. “Achamos eles! ” — Disse sem pausas.

Maria:

“Eles quem? ” — Fazendo um sinal ao Jorge.

Jovem da perícia:

“As pessoas que estão a procurar. Estavam na casa em obra do outro lado! ”

Maria:

“Já estão mortos não é? ” — Pôs em viva voz para o Jorge ouvir a conversa.

Jovem da perícia:

“Sim, estão mortos! ” — Aspirou, olhando para o lugar onde estava o cadáver: enterrado no chão, entre os capins e lixos. Dava para se ver o pé direito, afora como um íman, atraindo as moscas. O cheiro fora manipulado pelo lixo queimado todos os dias no local.

Maria chama a Luquênia para ajudar na autópsia. Agentes da polícia mantiam o local seguro e inacessível. A perícia foi feita e os corpos foram retirados do local.

Maria e Jorge olharam o tamanho do buraco, de uns três metros de largura, quatro de comprimento e um metro de profundidade. Aquilo deixou-os apreensivos e pensativos. “quem seria o agente dos crimes? ”. O local onde estavam os corpos era apenas a quatro metros da casa do Ambriz, havia um beco de

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

aproximadamente vinte metros, entre os quintais. Os da casa do Ambriz podiam ir e voltar tantas vezes daquela obra sem serem vistos. Os corpos estavam num dos quatro quartos, o último, a mais de cinco metros da entrada da casa, ao lado do quarto com o lixo das pessoas. Tantas vezes as pessoas da casa do Ambriz diziam que não se devia deitar lixo por aí, até mesmo queimavam sempre os lixos no local.

Os corpos já estavam em decomposição, o cheiro pairava no ar, mas as pessoas presumiam que fosse um animal morto, deitado na obra, como era de costume. O cheiro incomodava, mais ninguém quis ir ver.

Em menos de uma hora depois de ser levado o cadáver, um mar de aversão inundou a comunidade. A culpa recaia para o Ambriz. Essa era a grande questão:

“O Ambriz matou os três?”

Maria estava tentando acalmar as pessoas que prometiam ir invadir a esquadra e agredir o Ambriz até a morte. Naquele momento o telefone chama intensamente, olhando para o ecrã, o seu semblante muda – Ficando ansiosa e curiosa, sabia que seriam novidades.

Maria:

“Olá, há novidades?” — Se afasta das pessoas, com o telefone num ouvido e o dedo noutra, tentando não ser atrapalhada pelo barulho.

Kudi

Luquênia:

“Que barulho é esse? ” — Ligando a serra elétrica.

Maria:

“As pessoas daqui estão chocadas e acham que o Ambriz foi o autor de tudo! O que descobriste, Lu? ” — Se afasta até perto de uma mulembeira que estava na rua.

Luquênia:

“Falei com a legista que fez a autópsia na Marta e ela disse que não vos contou algo... Ela descobriu uma substância estranha nas mãos da Ilda, não dava para os identificar porque estão em pequenas propriedades biológicas”

Maria:

“Me explique melhor, por favor! ” — Interrompe Maria, fazendo um sinal para o Jorge, chamando-o. Ele assentiu e pediu aos policiais que cuidassem da situação.

Indo em direção à Maria, pensa nas chinelas achadas na obra, não era da casa do Ambriz e, parecia ser nova. Uma HAVAIANA – Vermelha, de fita preta e pintas brancas, era original. Não era nem do Ambriz, nem da Ilda e nem de alguém de casa.

— Então, o que se passa? — Diz à Maria, sentindo a brisa confortante debaixo da mulembeira. A sombra os conforta e anela os bons pensamentos, levando Maria a se lembrar dias que brincava com o seu primo: subiam e desciam de acolá, com alegria rasgando os rostos, magritudes nos ossos devido a escassa comida à hora. Ela lembrava que quando tinham tanta

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

fome ficavam debaixo da mulembeira, lembrando as comidas desperdiçadas. Isso fazia ela sentir-se bem, pois sempre teve quem a protegesse.

— Então, o que se passa? — Disse, se aproximando. — Queres a minha companhia...? — Sorriu.

“Equivocado, estúpido” — Pensou Maria, olhando para o Jorge com um silêncio e áspero desdém, dando-o olhada.

— A Luquênia ligou... — Corta a conversa, não respondendo a insinuação. — As duas vítimas foram envenenadas! — Concluiu.

A melancolia os envolve a lógica inexplicável.

“Como seria possível? Porque não desconfiamos? ” — presumiam, pensativos.

Kudi

Capítulo XXI

A reunião urgente!

Uma mensagem chega ao telefone da Maria, o conteúdo a deixa melancólica, volvida na ansiedade da reunião, presumia que devia ser uma informação nova e crucial para a investigação, uma pista talvez. Ainda longe, liga para a Marta, querendo saber o que se passava.

Marta:

“Onde estás? ” — Questiona-a, com um senso de urgência.

Maria:

“Estou a caminho! ” — Diz, conduzindo o carro. “O que se passa? ” — Acrescenta, com o telefone no acento ao lado, conectado ao carro por via bluetooth. Estava atenta a chamada e atenciosa ao que Marta lhe ia dizer.

Marta:

“Só se apresse... esperamos por si! ” — Terminou a chamada!

A ansiedade a deixava tensa.

“Porque uma reunião de emergência de repente? ” — Pensava, tendo uma má sensação. Encostando o carro perto da Shoprite do Zango, pega o telefone e desbloqueia com um código estranho. O telefone dela tinha dois sistemas

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

operacionais: o sistema android e o sistema encriptado. Cada sistema tinha o seu código de desbloqueio, a entrada em cada sistema dependia do código posto por ela. No sistema encriptado, cada ação e mensagem eram apagadas de imediato, diferente do sistema android. Naquele mesmo instante em que ela usava o telefone, no outro lado da rua, um acidente acontece: um carro azul, vidros pretos, bateu num dos postos de iluminação. O carro estava em alta velocidade, quase atropelou uma senhora que fazia a travessia da estrada, foi por um triz. As pessoas corriam até ao carro, querendo saber se estava tudo bem. Saia fumo branco no capô do carro, seguido de fogo. Algumas pessoas tentavam tirar as duas pessoas dentro do carro: uma mulher branca, de talvez meia idade, e um homem negro com cabelos compridos. Estavam desmaiados e não reagiam. A porta do carro estava danificada, não abria apesar dos esforços das pessoas. Assentida com a preocupação das pessoas que gritavam, ligou para o SPCB, mas eles não chegariam a tempo – O fogo estava a aumentar. Por causa do choque e do estresse, ninguém pensava em apagar o fogo. Maria, correu até ao carro. Vendo a situação e mau estado da porta, pega uma corda, amarra às portas do carro e prende-os num dos carros parados. Acelerando, põe a mudança e as portas são arrancadas e em apenas alguns segundos dois homens tiraram as duas pessoas do carro. O choque os fazia dizer coisas com coisas e o carro explode violentamente.

“Poxi...”

“Que sorte!...”

Kudi

“Graças a Deus!...”

Diziam as pessoas umas a outras, aplaudindo pela coragem e agilidade dos homens.

Maria saiu do local às pressas, antes de ser interpelada por alguém. Ia em direção a reunião de que foi informada. Já eram perto das 9 horas, que significava atraso da sua parte. Com a sirene ligada e em alta velocidade, chega ao local em apenas 15 minutos.

Havia movimentação na entrada da Sede da U.E.I.A.: duas viaturas da polícia estavam a frente, com um agente em cada carro; dois carros caros estavam de guarda por uma policial armado. Ela presume que alguém importante estaria de visita.

“Se calhar esse seja o motivo da reunião!” — pensa, passando a mão na cabeça.

No interior, algo incomum: silêncio total. A recepcionista informa que os agentes estavam a participar de um seminário.

— Mas a sua equipe não está a participar! — sorri. — Estão no andar de cima! — acrescenta, usando o telefone ao mesmo tempo.

— Que tipo de seminário? — questiona, curiosa para saber do assunto. — Nem fiquei a saber! — resmunga, com um falso sorriso no rosto.

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

— Foi marcada esse seminário com objetivo de explicar o funcionamento da U.E.I.A. às pessoas. Entrada livre! — diz a recepcionista, informando também que o evento está a ser transmitido por internet.

— Uau! Quem dera participar! Enfim! — sorri. — Até mais, Gize! — despede-se, caminhando.

— Eu tenho sempre te dito, o meu nome é Gizele, tá? — resmungo, dando mixuxo. Ela simplesmente a olha de volta e sorri, caminhando até ao elevador. Em poucos segundos, ela estava no andar de cima, caminhando até a sala de reunião. A sala estava vazia.

— Onde estão todos!?! — disse a si mesma, confusa. Antes dela sair, surpreende-se com a vinda da Germana.

— Chegaste bem na hora... — caminha até perto dela, ficando de frente com a porta, na entrada da sala de reunião. — Vamos entrar! — acrescenta.

Elas se sentaram, conversando sobre como foi a noite. Durante a conversa, Maria percebe que Germana está nervosa, algo a incomodava, mas não queria dizer para não se sentir fraca.

— Estás... mesmo... bem? — pergunta Maria, se apoiando na mesa.

— Não estou... é que o Tito marcou encontro com... — põe a mão na boca, pois percebe que o resto da equipa está a

Kudi

entrar. O medo a consome, pois, a sensação de que o Tito ouvi-a deixa-a relutante e nervosa.

— Bom dia a todos! — diz Tito, vendo todos sentados. Todos estavam curiosos para saber o que se passava. Não faziam ideia da gravidade da situação. O que Tito estava para dizer deixaria a sala em confusão e decerto a desconfiança ia perambular os pensamentos de cada um.

— Mas antes — disse Tito. — Parabenizamos a Maria e Jorge por resolverem o caso deles com eficiência e profissionalismo! — bate palmas.

A alegria consome a ansiedade da Maria e do Jorge. Se lembram do desfecho da investigação. Descobriu-se que havia veneno nas mãos da Ilda, porém, a legista não mencionara isso porque segundo ela não havia achado relevante e o veneno não matara a vítima. Não se sabia que tipo de veneno era. Após se achar os familiares do Ambriz, mortos naquela obra abandonada, foi feita uma autópsia conjunta com a Luquênia. Confirmou-se que o mesmo veneno achado no sangue e no estômago dos familiares do Ambriz era o mesmo veneno achado nas mãos da Ilda. Assim, Ilda envenenou a sogra e o cunhado. O difícil foi achar o tipo de veneno, contudo, Marta ajudou, descobrindo a origem do veneno – o veneno usado vinha de um peixe, isso deixou-os surpreso. Era o peixe fugu ou baiacu. O seu fígado é cheio de veneno, tão perigoso que em alguns países é proibido a preparação do mesmo.

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

Entretanto, em Angola, não há leis contra a utilização do mesmo peixe, sendo que é vendido e utilizado por alguns pescadores ou "supostos especialistas". Esse peixe é vendido nas praias sem preconceito. Foi esse peixe que a Ilda usou para o almoço, matando repentinamente a sogra e o cunhado. Porém, pensando nisso, Jorge lembra que surgiu duas dúvidas: primeiro, como ela, que dera à luz em alguns meses, iria a praia comprar peixe, apesar de ela não gostar de fazer compras, nem podia carregar tanto peso. Segundo, como ela conseguiu cavar um buraco grande e carregar dois cadáveres de 52kg e 67kg até à obra? Era uma longa distância. A resposta a essa pergunta era apenas uma: ela teve ajuda, mas de quem? Enquanto pensava nisso, Tito deu início a reunião.

— Fizemos uma importante descoberta! — disse Tito.

Volvidos pela ansiedade, ouvem Tito explicar que:

“No início da investigação, uma senhora, vizinha da Ana Maria Gonçalves, dera um depoimento que foi ignorado. Alguns dias antes dela morrer, uma mulher foi visitá-la. Segundo a mulher, ela era da polícia. — diz, olhando para a sua equipe, de uma lado pra o outro.

— Polícia? Como assim? — diz Edna, espremendo os ombros.

— Lembro que havia uma digital não identificada na casa da Ana. Seria dessa visitante? — insinua Maria.

Kudi

— A mulher fez uma descrição da mulher. Achamos alguém semelhante e ontem fizemos uma comparação das digitais! — acrescenta Tito. — Já sabemos quem ela é! — ri. — A digital é tua! — olhou para a mulher, que enviava uma mensagem encriptada para os seus companheiros.

“XXYZD” — escreveu na mensagem. Um código que significa uma mensagem de emergência.

— Como foste capaz? Confiamos em ti! — diz Germana, olhando-a enfurecidamente. — Nos mentiste por todo esse tempo?

— Não, eu não fiz nada! — se defendeu, levantando do seu acento. Todos os agentes da U.E.I.A., presentes na sala, se mantiveram de pé, cobrindo a porta de saída.

— Não fui eu... me escut... — gritava, sendo interrompida.

— Edna, tu vieste em Angola há uma semana antes da morte da Ana Maria. Foste vista com ela dias antes dela morrer. A tua digital foi achada no local do crime. — diz Tito, tentando manter o clima calmo. — As provas estão contra si! — conclui.

Tirando a arma, ela aponta para Tito.

— Fiquem longe ou eu...

— Ou você o quê? — questiona Jorge, apontando a arma para ela, assim como Tito, Germana e Maria. — Vais atirar em

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

nós? Podes até acertar um ou dois, mas, nós vamos matar você!
— apontou a arma para a cabeça dela.

— Edna, largue a arma, por favor! — diz Tito. — Nós queremos te ajudar! Rende-te! — dá dois passos à frente. O telefone da Edna toca. Era uma chamada encriptada, de um dos seus colegas.

— Edna, nós já sabemos da sua equipe... todos vieram um a um, com dois dias de diferença... sabemos sobre todos! — dá mais dois passos à frente, estando a dois metros dela.

— Foi uma armação! — diz ela, suando e lacrimejando. — Ele sabia que eu estaria aqui, por isso me incriminou! — alega.

— Quem? — questiona Jorge.

— O Zelador! — diz, tossindo.

— Como assim? Quem é este? — questiona Germana, olhando-a com firmeza nos olhos.

— Eu tenho medo! — chora — ele é muito perigoso! Não imaginam do que ele é capaz!

— Vamos pegar ele... largue a arma! — diz Maria, tocando-a no ombro. — Somos amigos! Confie em nós! — acrescenta, com uma voz suave. Ela faz um sinal cego e todos abaixam a arma.

Kudi

Se rendendo e abaixa. Chorando, põe a arma a mesa, é algemada e posta sentada.

“Esse caso já está resolvido, mas e o caso da Ilda?” — pensando nisso, fora da sede, vêm várias viaturas da polícia a cercarem o local: eram incontáveis viaturas, homens armados até os dentes desciam das viaturas. Nesse instante, Tito e Germana interrogavam a Edna.

— Tito, temos problemas! — disse Maria, interrompido a interrogação. — Várias viaturas da polícia estão a cercar o local! — acrescenta, respirando fundo.

Uma mensagem cai no telefone de Maria de um número desconhecido:

“Não aguento mais carregar isso, irei contar-vos como os parentes e esposa do Ambriz foram mortos: A mãe da Ilda foi à uma senhora comprar feitiço para matar os parentes do Ambriz com carne – só teriam de pôr a carne seca na comida. Era apenas uns seis gramas. Um bocadinho já é fatal. A Ilda foi ajudada pelo irmão para cavar e carregar os corpos até a obra abandonada, enterrando-os naquela cova. A morte da Ilda, foi o irmão dela quem a matou para não ser incriminado – bateu a cabeça dela em todo o lado da sala: nas paredes, no chão, na porta, até que ela ficou inconsciente. Caíndo ao chão, morre depois a carregou até o seu quarto, amarrada em uma forca. O seu plano era que a encontrassem enforcada e presumissem que ela se matou. Após o Ambriz a encontrar, todos acham que foi

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

ele, e, isso abre caminho para a investigação. Na verdade, ela só estava inconsciente e morreu por enforcamento”

Maria fica sem palavras.

— É ele... O Zelador! — diz Edna, olhando para eles. — Ele nos vai afundar a todos! — soluçou.

— Como tens a certeza disso? — questiona Tito, olhando-a. — Quem é este Zelador? Diz logo! — bate na mesa.

— A esse instante, a minha equipe já deve estar morta! — chora.

— Edna, diz quem é esse Zelador e nós vamos achá-lo e prendê-lo! — diz Germana.

— Não tens mais opção! — acrescenta Jorge, pensativo na situação no exterior do edifício. Ela abana a cabeça, sorri e agradece por ter pessoas ao seu lado.

— Está bem. Vou vos contar do princípio! — limpou as lágrimas.

“Está bem! ” — diz a equipe da U.E.I.A., se sentando.

Tito liga para os seguranças e pede que informem a polícia que em alguns minutos vão entrar em contato.

— Edna, podes falar! — acrescenta.

— Tudo começou quando eu...

Fim do livro I

Sobre o autor:



Kudi, pseudônimo de Afonso Kudissadila nascido aos 22 de fevereiro de 1999 em Luanda, Cazenga – Angola. Reside em Viana, Caop – C, solteiro. É professor, escritor e poeta.

Kudi, escreve desde a adolescência, mas se empenhou avidamente na literatura em 2019, ingressando na Comunidade Literária G.E.L.E.L.A., iniciando como poeta até 2020, quando também começou a escrever rascunhos de contos e crônicas. Após o início da pandemia, mergulhou no oceano da literatura até hoje.

Participou das seguintes Antologias:

- Antologia Poética Esperanças perdidas – Editora Bancada dos Escritores;
- Coletânea DONNA: VOZES QUE ECOAM – IRDE Editora – Brasil;
- Livro de Ouro – Vice-Corp Editora
- A Criança Que Havia Em Mim – Fada Editora;

Recentemente foi selecionado para a Antologia “Vozes no Escuro” – Príncipe Editora que será lançado brevemente em formato impresso. E esta a participar da Antologia Poética “Escritores da Liberdade”, organizada pela Rádio “Escritores da Liberdade”, internacional.

A Saga U.E.I.A: - O Retorno

Teve as suas poesias lidas em mais de duas rádios brasileiras. Se tornou membro interno da Fada Editora e agenciado pela marca Exclusividade. É membro do projeto internacional Chá da Vida.

Seu objetivo é de proporcionar uma forma de literatura em Angola, tem participado de vários projetos, concursos e atividades para o engrandecimento da literatura.

Contactos da editora:

Conta no Facebook: Fada Ed

Páginas no Facebook: Fada Editora

Grupo no Facebook: Espaço Da Fada - Literatura

E-mail: fadaeditora21@gmail.com

Site: <https://fadaeditora21.wixsite.com/my-site>